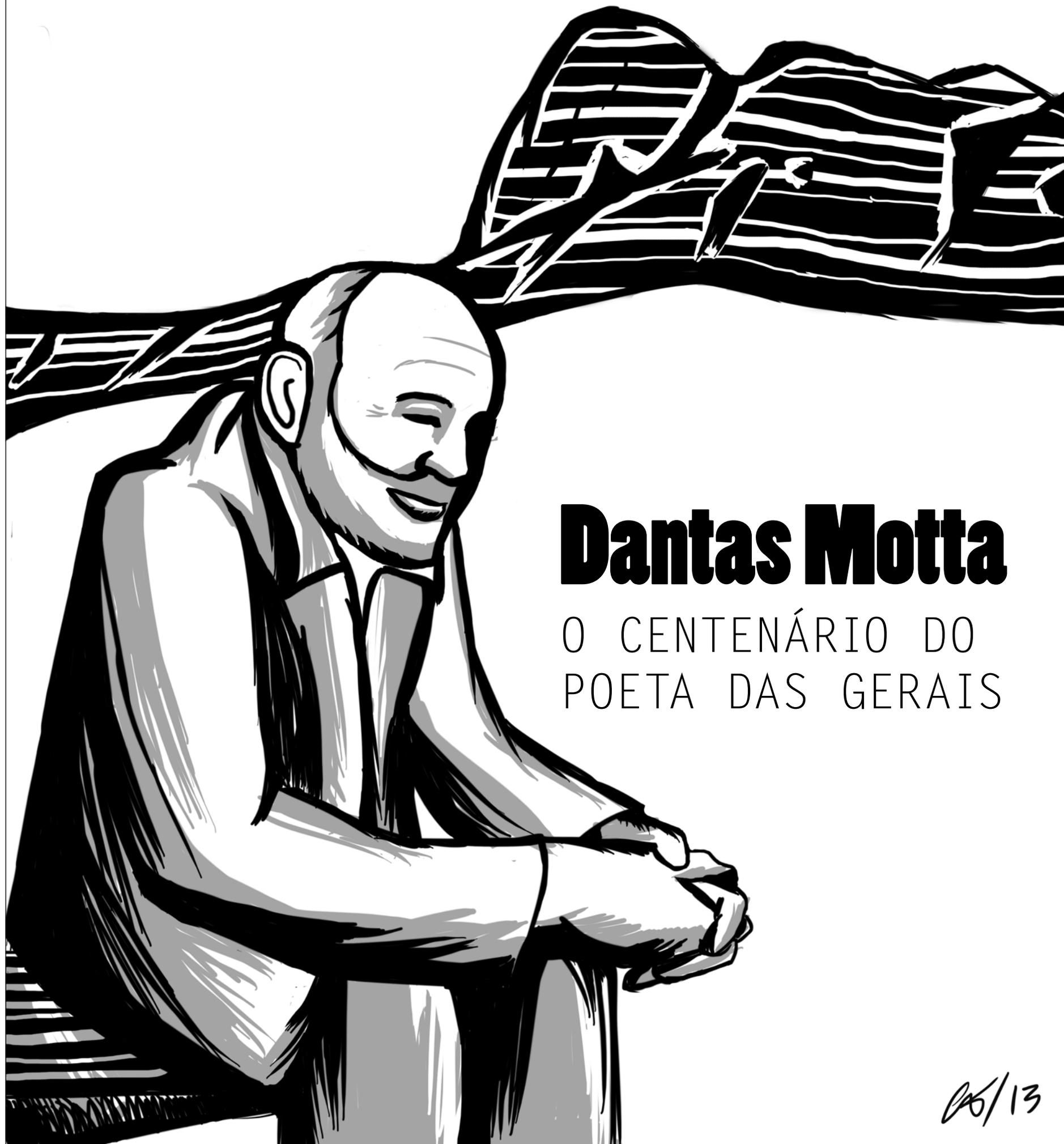


# SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Setembro/Octubro 2013  
Edição nº 1.350  
Secretaria de Estado de Cultura



## **Dantas Motta**

O CENTENÁRIO DO  
POETA DAS GERAIS

06/13

**H**á um século nascia em Carvalhos, então distrito da cidade sul-mineira de Aiuruoca, um dos maiores poetas brasileiros. A arte de Dantas Motta foi reconhecida por alguns de seus mais ilustres pares, como Carlos Drummond de Andrade (que lhe dedicou o poema manuscrito aqui publicado), Manuel Bandeira, Guilhermino Cesar e Affonso Ávila, através de depoimentos que publicamos nesta edição organizada pelo professor e escritor Caio Junqueira Maciel, mineiro de Cruzília.

Constam da homenagem, ainda, a admiração de poetas e escritores que surgiram mais tarde, aqui representados por Luís Giffoni, Paulinho Assunção, Antonio Barreto e Rodrigo Leste, além de seus conterrâneos e vizinhos de Sul de Minas Gilberto Nable, Adolfo Maurício Pereira, Júlio César Meireles de Andrade e do belo-horizontino Adriano da Silva Ribeiro.

A letra quase ilegível do poeta está reproduzida no rascunho do poema “O caxão de Antonio Bento” que pode ser confrontado com a versão editada em livro com o título “Embarcação noturna”, demonstrando um aspecto do processo de elaboração da arte de Dantas Motta. Uma curiosa entrevista ao pernambucano José Condé, que mantinha a coluna Arquivos Implacáveis na extinta revista *O Cruzeiro*, revela um pouco do espírito da poesia do “poeta das Gerais”.

O desenho da capa é de Cassiano Reis.

# SUPLEMENTO



Capa: Cassiano Reis

**Governador do Estado de Minas Gerais**  
**Secretária de Estado de Cultura**  
**Diretor-geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais**  
**Superintendente do SLMG**  
**Diretor de Apoio Técnico**  
**Diretor de Articulação e Promoção Literária**  
**Agência**  
**Projeto Gráfico e Direção de Arte**  
**Diagramação**  
**Conselho Editorial**  
**Equipe de Apoio**  
**Jornalista Responsável**

**Textos assinados são de  
responsabilidade dos autores**

Antonio Augusto Junho Anastasia  
Eliane Parreiras  
Eugênio Ferraz  
Jaime Prado Gouvêa  
Marcelo Miranda  
João Pombo Barile  
Traço Leal  
Plínio Fernandes  
Carol Luz  
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,  
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques  
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira,  
André Luiz Martins dos Santos, Flávia Ariane Nunes (estagiária)  
Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Suplemento Literário de Minas Gerais  
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo  
30130-180 – Belo Horizonte, MG  
Fone/Fax: 31 3269 1143  
suplemento@cultura.mg.gov.br

# QUEM FOI DANTAS MOTTA



CAIO JUNQUEIRA MACIEL

---

**J**osé Dantas Motta nasceu em 22 de março de 1913 na Vila de Carvalhos, na época município de Aiuruoca, no sul de Minas Gerais. Seus primeiros estudos foram feitos com a mãe, D. Ana Dantas Motta, que era professora primária. Concluiu o curso primário em Aiuruoca, indo depois para Itanhandu. Aí cursou o secundário no Colégio Sul Mineiro e, ainda adolescente, ligou-se ao grupo modernista da *Revista Eléctrica*, dirigida pelo poeta Heitor Alves, que circulou pela primeira vez em maio de 1927, tendo entre seus colaboradores Ribeiro Couto, Pedro Nava e Heli Menegale.

Foi ainda em Itanhandu, em 1932, usando apenas o sobrenome Dantas Motta (com apenas um *t*; mais tarde dobraria o *t* e acrescentaria Franklin Massena entre o José e o Dantas Motta, prestando homenagem a um tio), que escreveu seu primeiro livro de versos: *Surupango*, ritmos caboclos, prefaciado por Heitor Alves, que considerava o texto como obra telúrica, “poema do Brasil roceiro”. Eduardo Frieiro reconheceu no adolescente “pouca idade e muito talento”, observando que sua obra se

inseria na “escola da brasilidade”, cujos versos eram inspirados no folclore afro-brasileiro. Frieiro acreditava que Dantas Motta ainda “seria alguém na nossa lírica nova.” *Surupango* possuía versos assim: “Meu coração brasileiro/ vibra num singelo de cateretê,/ enquanto meu pensamento gageiro/ dança o veadinho candente/ na sala do sertão...”, bem dentro do espírito primitivista deflagrado pelas correntes modernistas. Vez ou outra surgiam versos como estes: “Eu tenho, na parte do crédito,/ um riso de etc.,/ e, na parte do débito,/ um sorriso de aspas/ com gosto de idem”. Mas Dantas Motta, mais tarde, repudiou essa obra de estreia, evitando citá-la entre seus livros publicados.

O jovem poeta cursou a Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, onde se formou em 1938. Em Belo Horizonte, com seus colegas de escola, participou da revista *Surto*, publicação lítero-cultural “com expressiva importância dentro da renovação das letras mineiras contemporâneas”, segundo José Bezerra Gomes. Uma vez diplomado, Dantas exerceu advocacia militante em todo o Sul de Minas e no Vale do Paraíba, granjeando uma fama lendária como advogado imbatível nos

tribunais. Além da advocacia, interessou-se ainda jovem pela política, chegando mesmo a cometer equívocos ideológicos, ao fazer parte da Ação Integralista.

Viveu sempre na cidadezinha de Aiuruoca, mas mantinha contatos com escritores no Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Foi muito amigo de Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Por uns tempos, tornou-se partidário atuante da UDN, pensando em se candidatar a Deputado.

Em 1945, pela Editora Flama de São Paulo, publicou *Planície dos Mortos*. No ano seguinte, pela mesma editora, vêm a lume as *Elegias do País das Gerais*. Em 1953, agora pela Livraria Martins Editora, publica *Anjo de Capote*. Pela mesma editora, em 1955 lança a *Epístola do São Francisco aos que vivem sob sua jurisdição, no vale*, despertando grande polêmica. Em 1961, pela José Olympio, reúne toda a sua obra (excetuando *Surupango*) no volume intitulado *Elegias do País das Gerais*, trazendo muitos poemas inéditos. Em 1967, pela Civilização Brasileira, publica o texto polêmico da *Primeira epístola de Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes – aos ladrões ricos*.

Escreveu muitos poemas, contos e ensaios críticos, entre os quais um sobre a poesia de Mário de Andrade, para a coleção “Nossos Clássicos”, da Agir, em 1969. Grande parte de sua produção está nos suplementos literários do *Minas Gerais* e do *Estado de São Paulo*. Em 1988, a José Olympio Editora, junto ao INL, publicou *Elegias do País das Gerais*, reunindo todos os livros anteriores e poemas publicados em jornais e alguns inéditos. A introdução reúne três crônicas publicadas por Carlos Drummond de Andrade em 1979, no *Jornal do Brasil*.

A “mineiridade” é um dos aspectos mais apontados na obra de Dantes Motta. Carlos Drummond de Andrade observa: “O que eu apreciava nele, acima de tudo (abstração feita de valores intelectuais e morais), era me dar a sensação de estar conversando com alguém que, sob a aparência de Dantas, se chamava Minas Gerais. Era Minas dialogando comigo, com sua fala especial, seu cigarro de palha. (...) Sua ironia e doçura misturadas. Não essa Minas convencional, submissa, concordante, cautelosa... Mas a Minas aberta, revisora, contestatória, que não se conforma com a mesmice dos princípios estabelecidos e expõe a exame nomes, situações, ideias, com infatigável espírito crítico.”

Paulo Mendes Campos cita Dantas Motta como um dos nomes do poeta de Minas, “sempre a cantar os andrajos humanos”. Observa-se que a poesia do aiuruocano é repleta de referências a ruínas e desolamentos. O poeta enxergava a si mesmo como um ser precário, um homem “nascido no outono” e, como tal, já nascido velho.” Dantas Motta refere-se ao “sentido aiuruocano da dor” em uma entrevista a João Condé, embora sua poesia não se limite a um estreito provincianismo, conforme observou Almeida Salles: “Arrancaste a tua Aiuruoca do espaço mineiro e a dilataste, por força do teu desespero de exilado, na medida das terras clássicas, em que a voz do homem configurou o drama do paraíso perdido.” Não obstante seu corrosivo pessimismo, o poeta recebeu críticas favoráveis sobre sua obra. Sintetizamos, a seguir, algumas das opiniões emitidas sobre seus diversos livros.

Martins de Oliveira chama atenção para o ritmo de Dantas Motta, considerando-o o mais livre de todos os poetas do Brasil. Waldemar Cavalcanti vê a sua poesia impregnada de um vivo sentimento patético e de grande densidade lírica, enquanto Adonias Filho considera *Anjo de Capote* um livro inconfundível na moderna poesia brasileira, em que há o “pensamento como um ato poderoso, dinâmico em seu conteúdo, a reflexão estabelecendo relações que integram na desesperação do mundo.”

Alcântara Silveira atenta para a intromissão do processo judicial na poesia de Dantas Motta, considerando que ela não tem apenas sonho e fantasia como suporte, “mas também a realidade histórica e sociológica do país.” Saliendo a “nudez” da poesia do autor de *Planície dos Mortos*, José Geraldo Vieira escreveu: “Assim como em pintura um Dali tirou de Dürer, de Rembrandt e até de iluminuristas góticos, figuras e paisagens hirtas e desoladas, Dantas Motta tirou da poesia vetusta e morna dos mestres um sentido de linha, de cor, de exclamação, de estética.” Osvaldo Alves indica a uniformidade e a coerência do todo na poesia de Dantas, enquanto Homero Silveira assinala a afinidade do poeta mineiro com os clássicos portugueses.

A dificuldade da poesia de nosso poeta foi observada por Alcântara Silveira, que se referiu à tristeza e ao hermetismo em quem por vezes faltavam lógica e precisão. Cristiano Martins indica “o difícil entendimento”, Oscar Mendes critica um certo partidarismo na *Epístola do São Francisco* enquanto Sérgio Milliet achava falho o conjunto de *Planície dos Mortos*, mudando depois o ponto de vista em relação a outros livros de Dantas Motta.

A poesia de pós-guerra, de acordo com Nelly Novaes Coelho, nasceu da consciência angustiante da “falência das ideologias”, por isso “busca refúgio em algo eterno e imutável”, tem “sede de beleza e de eternidade”, procura “o Mito, a Fábula, a Alegoria”, esperando alcançar a transformação do caos em cosmos através da palavra. Dantas Motta é citado como um desses autores que, por meio de um caminho próprio, participa do mito e da História e procura “uma nova solidariedade do homem com o cosmos.”

Para Alfredo Bosi, a poesia de 45 renova-se “sob a égide da poesia existencial europeia de entre guerras, de filiação surrealista, o que lhe conferia um estatuto ambíguo de tradicionalismo e modernidade.” Dantas Motta, segundo esse crítico, absorveu o clima da poesia pura anos de 40 a 50, para depois questionar aspectos telúricos e sociais. Em sua *História da Literatura Brasileira*, Carlos Nejar abriu generoso espaço para abordar a poesia do mineiro de Aiuruoca, afirmando que se trata de “um imenso poeta que sofreu o ‘limbo’ das variações admonitórias do tempo”. Nejar vê o livro das *Elegias* como obra-prima de nossa poesia: “O verso de longo trânsito, o comprimento das montanhas e rios, as metáforas novas trabalhando matéria velha, arcaica, imemorial. De novo organiza-se a lavra de um ouro mais puro da linguagem na altura de poucos poetas, aquela em que o gênio e a terra se aliam, incorruptivelmente.” Esse crítico crê que “o esquecimento a que é votado este poeta é um preparo de sua maior glória.”

# AS PODEROSAS VOZES DE *Drummond* E *Dantas Motta*

ADRIANO DA SILVA RIBEIRO

---

**É** conveniente fazermos uma reflexão sobre o papel que a poesia de Minas desempenha, desde o século passado, no cenário literário brasileiro. A propósito, destacamos que os poetas Carlos Drummond de Andrade, de Itabira, e Dantas Motta, de Aiuruoca, cultivaram amizades e se corresponderam sistematicamente, apesar da solidão e isolamento do escritor aiuruocano.

A poesia de Drummond marcou fundamente a literatura brasileira, desde 1930 até os tempos atuais, criando, recriando, descrevendo e reescrevendo com criatividade poemas, crônicas, contos e prosas, fiel à figura de homem, mineiro e humilde. Nada de espetáculo. Há, sim, em seus textos: a magia, a sensibilidade, o estilo e forma originais. Drummond, sem dúvida, foi consciente no seu fazer literário.

Nesse sentido, o leitor perceberá, ao ler os textos, que a estrutura criada pelo poeta é inconfundível e quase inimitável, não disfarçando o objeto da coisa, sendo sua poesia enxuta, precisa e direta, mostrando o encontro entre o cotidiano e o urbano, ao questionar a realidade do mundo. Desse modo, a interiorização do poeta, em cada poema, se faz alimentada pelo “sentimento do mundo”.

No poema “Ode nos sessentanos do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade”, extraído do livro *“Elegias do País das Gerais – Poesia Completa”* (p. 174–176), de Dantas Motta, assim o encontramos:

“Obrigado pelos teus sessentanos,  
 Quando, ainda sem rugas, aleives ou nugas,  
 Contudo de velho bassidor à mão,  
 Te chegas até nós (humilde que és)  
 Mais novo e mais puro,  
 Conquanto esquivo e um tanto gauche  
 Diante da bulha, do alarido e da algaravia  
 Que ao teu derredor todos fazem.”

O poeta Dantas Motta, no mesmo poema, invoca a presença da amizade, registra considerações sobre a poesia de Drummond:

“Geômetra da palavra colhida em estado de graça,  
 Tal que nem um fruto que se oferecesse à razão e à sazão,  
 Para, depois, se redimir no conceito ético da queda,  
 Revolucionas, ô poeta, tudo, inclusive, a sintaxe e a forma,  
 Pela alteração do chamado verso linear  
 E o conseqüente despojamento do adjetivo  
 – Pauta em que a melodia é apenas um susto.  
 É por isto, poeta, que, como um nome,  
 Circulas, hoje, autônomo no mundo, além da coisa.”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Saudação a

Dantas Motta, profeta e voz de rio  
no curso do Oriente ou de Ataruoca,  
mineiramente amarga e transparente  
para quem sabe ouvir, e que convoca

a poesia onde quer que ela, pulsando,  
seja signo de amor ou de protesto,  
Dantas Motta, raiz de largo alcance,  
milho de ouro empaiol, bíblica festa

de fraterno sentir e revelar  
as doídas verdades esquecidas,  
as caudeias, os lumes abafados,

o soluço travado na garganta  
e o mais que se presente mas oculta-se  
nos subúrbios longínquos da esperança.

- do seu amigo

Carlos Drummond de Andrade

em 22 de março de 1973



Ao retribuir a homenagem do mineiro de Aiuruoca, Drummond testemunha, no soneto “Traços do Poeta”, em verdadeiro ato de respeito e admiração:

“DANTAS MOTTA, profeta e voz de rio  
no curso do Oriente ou de Aiuruoca,  
mineiramente amarga e transparente  
para quem sabe ouvir, e que convoca

a poesia onde quer que ela, pulsando,  
seja signo de amor ou de protesto,  
Dantas Motta, raiz de longo alcance,  
milho de ouro em paiol, bíblica festa

de fraterno sentir e revelar  
as doídas verdades esquecidas,  
as candeias, os lumes abafados,

o soluço travado na garganta  
e o mais que se pressente mas oculta-se  
nos subúrbios longínquos de esperança.”

Em outro registro da amizade, Drummond de Andrade anotou, a respeito do poeta-amigo Dantas Motta, justamente uma semana após seu falecimento, em 1974, o seguinte depoimento:

“De caligrafia difícil, de coração fácil. De queijos oferecidos, de sonhos parlamentares frustrados, mas de que parlamento precisava, se em Poesia falava tudo, intemporal e direto, ao ritmo vagaroso das boiadas, do mugido a soar como lamento, lamento a vibrar como reprovação? Das grandes cidades queria só os amigos, que no mais o município lhe bastava, entre 15 mil livros e cartas.”

Vê-se, então, dois grandes escritores, tão grandes que deixaram lugar marcado, inocupável, pois autores de obras que enriqueceram a literatura de Minas e do Brasil.

A amizade entre os poetas, um de Itabira e o outro de Aiuruoca, fez Minas, “Doce País das Gerais”, crescer no cenário nacional, através dos seus poemas.

Felizmente, as poderosas vozes de Drummond e Dantas Motta ecoam nos grupos de amantes da poesia.

Intensa era a amizade, mesmo que distantes um do outro, a ponto de Carlos Drummond escrever, com propriedade, sobre a linguagem e a temática do poeta de Aiuruoca:

“Ao lado do Antigo e do Novo Testamento, a grande presença foi a terra, o meio urbano-rural em que Dantas viveu. O problema nº 1 do

homem do interior há de ser naturalmente a terra, que vai gerando problemas: a posse, contestada e defendida em demandas ou a tiro e foice; divisas, servidão de água, queimada, furto de animais, colheitas frustradas pelas condições climáticas ou pelas pragas de insetos (...) Eis aí matéria para encher de clientes o escritório de um advogado. No caso, o advogado era também poeta, e aquele servia a este, dando-lhe a base de conhecimento real que os poetas das grandes cidades só alcançam por ouvir dizer”.

O diálogo de ambos extravasava o ambiente particular. Sempre que possível, Drummond de Andrade anotava algo sobre a poesia de Dantas Motta, como sua observação a respeito das obras: “A Bíblia, livro-enciclopédia, foi que evidentemente marcou em profundidade sua poesia” (JB, 08/03/79).

Drummond, nesse contexto, em entrevista em 1975 a Delmiro Gonçalves (*O Estado de S. Paulo*), afirmou que dialogar com Dantas Motta lhe dava a sensação de “estar conversando com alguém que, sob a aparência de Dantas Motta, se chamava Minas Gerais”. “E não era nossa Minas convencional, submissa, concordante, cautelosa, que constitui uma falsa imagem por culpa de uns tantos mineiros... mas a Minas aberta, revisora, contestatória, que não se conforma com a mesmice dos princípios estabelecidos...”.

Minas Gerais merece reconhecer o poeta itabirano e aquele aiurocano. Sem dúvida, o leitor escutará e sentirá essas poderosas vozes da poesia do País das Minas Gerais ecoarem em seus destinos.

# PELAS BARBAS E



## DAS BARBAS

Em um ensaio sobre Ernest Hemingway, Otto Maria Carpeaux viu que a solidão é o elemento essencial de toda a sua obra e de sua vida. A última vez em que vi Dantas Motta, ele usava uma barba como a de Hemingway. E a poesia de Dantas, ainda que fosse até certo ponto caseira, familiar, realista, repleta de referências aos lugares da região, como às fazendas Favacho, Traituba, Angaí e Ouro Fala, também sempre me soou misteriosa, surrealista, exalando, em seus versos impregnados de solidão e barba, uma inquietante estranheza, talvez como aquele efeito que Freud designou de “Unheimlich”:

Daquilo a que se convencionou chamar casa,  
Mas que, a rigor, é solidão de quarto alugado ao tempo,  
Guarda-roupa ventando na planície.  
Daí, estoura solidão – a da barba por exemplo –

Tão misteriosamente crescida na face,  
Que já se ajardina de gripe, neve, febre e ruga,  
Preludiando, assim, em nós o defunto que sempre fomos.

Em *Elegias do País das Gerais*, obra-prima de Dantas Motta e da poesia brasileira, há um poema de título surreal “Por lírios e barbas, catando infâncias”. Aí, feito um “tresnoitado anjo” perdido em São Paulo, o poeta é cubista e conciso ao falar de “solidão e álcool”, “em bife e barba,

garganta e jóia”, “na barba na cara esquecida – um jardim”, ou “da barba se alastrando ainda em negro na face plantada”. Poderíamos parodiar Drummond: Para quê tanta barba, meu Deus? Pelos fios das barbas de Dantas, o leitor vai se orientando no labirinto da solidão desse enorme poeta, que resgata a poesia em sua fonte clássica e límpida:

Inda vereis Vergílio, lá dentro, passeando,  
As longas barbas apascentando ovelhas.

A poesia que se banha em ternura e saudade na evocação dos ancestrais:

Barbas bem tratadas e macias  
E que um dia os filhos das filhas  
Alisaram sem espanto,

A poesia que assume um intenso acento social e dá voz àqueles que representam o desencanto dos despossuídos:

Nem mesmo esta barba no rosto espetada,  
Nem mesmo esta coragem para morrer de fome.  
Entanto, seu moço, esta vergonha me consome.



# SOLIDÕES DO POETA

CAIO JUNQUEIRA MACIEL

---

A poesia bíblica que assinala, em tons proféticos, apocalípticos, o fantástico cenário em que os representantes do poder rural se desumanizam e procriam ainda mais a solidão:

Os velhos coronéis, com fósforos nas mãos,  
Também descem as encostas e pisam os alagadiços.  
Suas barbas são lamas.  
Delas brotam o trovão, a solidão, o relâmpago.

A barba pode ser soberba e pecado, também cruel adereço e insígnia da usurpação:

Só o homem, usurpador, finge-se terráqueo e lacustre,  
Fantasiado de barba, floresta, indumentária e sexo.

Entretanto, a ausência da barba, num rosto como o de Tiradentes, seria o fim de um mito e o rebaixamento do herói, diminuído como nas iniciais, a um sistema:

E outros tiradentes surgirão,  
Sem barbas, de engrenagens

Em seu livro *Primeira epístola de Jm. Jzé. da Sva. Xér. O Tiradentes aos*

*ladrões ricos*, Dantas Motta coloca, na derradeira página, estes contundentes versos na boca do inconfidente:

DAÍ,  
AS BARBAS AS BARBAS AS BARBAS  
DA CORDA AO PESCOÇO NÃO MAIS PRECISO  
MAS COMO CRESCER 'ASSUSTADORAMENTE'  
O NÚMERO DE LADRÕES E TRAIADORES NESTE PAÍS,  
MULTIPLICADA (a corda),  
EXPEÇO-A A AMARFANHAR, SÁDICA,  
OUTROS TANTOS PESCOÇOS MACIOS  
E DELA TÃO NECESSITADOS.  
QUANTO ÀS BARBAS, NÃO.  
EXPOSTAS NESTA PRAÇA,  
AO SOL, À CHUVA E À NEVE DO ITACOLOMI,  
AQUI PERMANECERÃO,  
FINCADAS NESTE POSTE E NESTA PRAÇA  
À ESPERA DOUTRA CARA  
E DOUTRA VERGONHA.

Dantas Motta é um poeta paladino de um Tempo que evoca a Idade de Ouro, na concepção de Mircea Eliade, e aí a barba, presente até em espíritos, é também paladar e aconchego doméstico, como se nota no "Solar de Juca Dantas":

Aqui, os espíritos, envoltos em capuzes brancos,  
Entram e saem a sala, o alçapão, a despensa.  
Num ligeiro curvar de cabeças, como num minueto,  
Pelos corredores longos inda se tocam, conduzindo,  
Cada qual, a ânfora, a jarra e a toalha de linho.  
Sabor de barbas, após a refeição, alimpando-se,  
Na pêra, como um brasão, do leite derramado.

O poeta crê que “O País das Gerais reflorescerá que tempo era de  
florescendo estar”, e a sua esperança está na cara, onde floresce feito  
barba:

Sim, como seria verde o meu Vale!  
E as barbas, na face plantadas,  
Cresceriam ao longo do pão, prestígio, suor e terra

## PÁSSARO SOLITÁRIO

No breve poema “Canção do exílio” (todo grande poeta brasileiro tem  
sua canção de exílio), Dantas Motta, retomando Gonçalves Dias e Cruz e  
Sousa (“Cárcere das almas”), expressa metaforicamente sua solidão:

Alma,  
Pássaro solitário,  
Como é difícil abranger-te!  
nem sei como defender-te!  
Incomensurável que és.  
Num só crepúsculo,  
Passeias todas as paisagens,  
Visitais todas as terras,  
E te recolhes triste  
À morada que te serve  
De cárcere...

A solidão, nesta poesia elegíaca e telúrica, é indissociável da paisa-  
gem e do tempo. Se a barba é a marca do tempo na face, a solidão está  
associada aos pelos e fonte de nutrição:

E se alimentava da solidão  
E da presteza dos cavanhaques

A solidão é motivo de reflexão sobre a beleza e a morte, é recorrente  
questionamento do poeta:

De mim restaria afinal alguma beleza, alguma solidão?  
– Nem sei, irmão. Talvez a ideia de que sejas túmulo também...

A solidão, intrínseca em toda artista, em Dantas Motta é visceral e  
trágica:

Me sinto só em face da Eternidade.  
E se grito, acordo ecos abandonados.  
Se me calo, grilos cantam nas fendas de pedra.  
E se me procuro, somente a solidão.  
Se me abandono, estrelas, campos e mares,  
E uma estranha música convocando aos suicídios.

Se o romântico Casimiro de Abreu foi o poeta das primaveras, Dantas  
Motta é o poeta das primaveras frustradas e solitárias, encharcadas de  
solidão; Dantas, nascido a 22 de março, julgava-se um poeta outonal:

Carrego comigo, neste peito de ardores findados,  
Toda uma solidão noturna e úmida de março,  
Que, apesar de janeiro próximo,  
Em verdade, é tarde mês.  
De fato, Dantas, as primaveras em ti falharam,  
E já nem podes reformar o tempo e as estações

No dizer de Gerardo Mello Mourão, Dantas Motta era poeta rústico e  
refinado, poeta do couro e do boi, poeta da botina, que também aparece  
embutida de solidão:

Primaveras quase cultivadas, talvez abandonadas,  
Numa paisagem de botinas, lágrima e solidão.

A rusticidade refinada, que de certa forma evoca poetas como Cláudio  
Manuel da Costa, é outro traço marcante no poeta, que estende sua soli-  
dão à terra e ao céu:

Que saudades tenho de minhas origens rudes.  
Faiscar ouro no Rio das Velhas,  
Ou na solidão do Itacolomi,  
E, no fundo da noite, brota a solidão de um sol,

A solidão está no corpo:

E uma tristeza talvez somente minha  
Tem trânsito na solidão do meu corpo.

A solidão é a companheira nas refeições:

Vaga este corpo sem endereço, é bem verdade  
Que já agora com umas tantas moléstias  
Que o tornavam digno, contudo substituídas por outras,  
Que, como o salário mínimo por exemplo,  
Carregam de peixe, neve e chuva  
A solidão do teu triste jantar.

A solidão está nas coisas:

Aquela rosa que se asilou na solidão dum fraque

E, estando nas coisas, é gentileza e alvoroço:

Esta solidão gentil de roupa preta e tumultuosa

A solidão está nas águas:

Que solidão de peixes, meu Deus, exilados e mediterrâneos,

A solidão está nos nomes e nas frutas:

Mas eram nomes  
Que se temperavam à flor e à solidão doutras uvas.

No solar dos Dantas, a solidão, entre heras e biblioteca, é também prestígio:

Prouvera que eu, nesta casa, não entrasse,  
Feita que é, toda ela, de prestígio e solidão.

A solidão compõe imagens do grotesco, que é outro aspecto recorrente na poesia de Dantas Motta:

E um pivô qualquer,  
Aliás pouco recomendável,  
Procura novas raízes,  
Largas e seguras,  
Na solidão da boca

A solidão é lembrada em todos os cantos:

E um cantar de galos é terrível na solidão.

A solidão repercute em todos os berros:

E louca é a vaca na solidão dos descampados.

O mundo bucólico em que viveu Dantas, em cada detalhe natural, ressuma a solidão:

As éguas, que à noite, saem das frias herdades,  
Mijando num chão de onde erva mais não nasce,  
Galopam, à lua, saudosas na sua solidão de cio.

A solidão, sólida, resiste até ao dilúvio:

O dilúvio cobre a mesa, o dinheiro,  
Os homens de preto, o baralho, tudo.  
Só não cobre tua melancolia,  
Plantada no tempo, feito solidão.

A solidão é divina:

E com Deus esta Sua solidão de Ungido,  
Sob a rama, a capa e a sombra dos rochedos.

O rio São Francisco, a quem o poeta confere voz, também é solitário:

Não que o rio, formando o vale, seja belo, horrendo é,  
De solidão manado, feio e triste, e de peixes ausente.

Ao falar em nome do rio São Francisco, o tom elegíaco de Dantas Motta torna-se anátema, verberando contra os “tetrarcas” que se organizam em “quadrilhas de sociedade anônima”. O poeta, na singularidade de seu estilo, define-se como solitário, mas não se perde em abstração solipsista, uma vez que sua voz é solidária, ele está ingressando num tempo e num espaço bem demarcado:

Com o luto do pai por referência,  
E uma réstea de mãe por deferência,  
Mas com os sítios sem valados

## AMÓS REDIVIVO

A barba e a solidão, no poeta de Aiuruoca, conferem-lhe e acentuam-lhe uma fisionomia de profeta. Em face da consciência angustiante do presente infecundo, Dantas parte da nostalgia das origens para a celebração das visões futuras, ora como projeções variantes das imagens do passado, como hiperbólica redundância do presente escarmentado:

E eu nem sei o que virá na antemanhã,  
Quando o Dinossauro e o Mamute  
Pastarem nas copas dos pinheiros

Na paisagem mineira, os profetas de Aleijadinho, segundo Carlos Drummond de Andrade, são “taciturnos, crepusculares, messiânicos e melancólicos”, adjetivos adequados para a poética de Dantas Motta, que se identifica com Amós, cuja voz iguala-se ao rugido de um leão para proclamar com intensidade o ideal de justiça e de liberdade. Aliás, o rugido e o lamento são assim condensados nestes belíssimos versos de Dantas:

Ninguém sabe quando sou leão.  
Na planície me sinto triste,  
Na montanha me sinto alegre.

A montanha é o lugar eleito dos profetas, Em Aiuruoca, transformada na bíblica Sião por Dantas, junto ao Pico do Papagaio, o poeta anuncia:

Creio, sobretudo, nos santos  
E na possibilidade dos desertos.  
Mas eu me posto no alto da montanha.

É daí que o poeta vê a desintegração de seu grande país, vê o Monte Sião do País das Gerais como a esquecida filha, com as terras morrendo, transformadas em sepulcros. E a identificação com Amós (783-713 A.C.), profeta tido como menor, surge pelo impacto social. Amós, que era um homem de origens rudes, verberou contra os ricos, usando uma linguagem rústica e franca: “Ouvi esta palavra, vacas de Basam” (Am. IV, 1). Nas páginas de Amós coexistem o idílico e o irônico. Dantas vê aí o seu modelo:

É um terreno de insetos e de bíbias,  
De que saio, profeta menor, Amós digamos,  
Buscando a perdida infância com o que me renovar,  
E, assim, informar este duro homem que hoje sou,  
Sempre sob o signo deste país, denso e misterioso,  
Tão rico de facúndias, quão de desertos

E em cujas solidões tanto me excito,  
Para buscar, nas reenâncias dos mesmos Tigres,  
Dos mesmos Jordãos e dos mesmo Eufrates,  
As razões doutros Tetrarcas e doutras Galiléias.

Se os profetas de Aleijadinho, na inércia da pedra-sabão, não podem conter as agruras do tempo, o discurso veemente de Dantas é protesto incandescente, principalmente na “Epístola de São Francisco”, uma geometria gótica e cifrada, mas em fluxo contínuo e arrebatador. Segundo Afonso Ávila, nesse poema “é como se ouvíssemos realmente o rio falando. (...) o rio se cansa como o homem e também esbraveja o seu ódio insopitável, boceja o seu desprezo ou apenas lamenta a ‘viuvez do sertão com o jejum das quatro estações’”. Destacando tons épicos nesse poema fluvial, Afonso Ávila acrescenta: “Se o belo poema de Dantas Motta sofre algum desnível, não chega isso a comprometer o seu trabalho sob tantos aspectos notável. Assim, nos capítulos IV e V do “Lamento do grande rio”, as alusões a personagens vivos, conquanto destoem no clima altamente poético da “Epístola”, são acidentes quase imperceptíveis dentro da homogeneidade do poema. Preferiríamos anotar que ele próprio se supera em algumas passagens, que há neles momentos em que se sente com mais agudeza o drama, como nos capítulos II, IV e V da primeira parte”.

Dantas Motta viveu isolado em sua terra e sua poesia merece ainda maiores ressonâncias. Em 1961, a José Olympio editou *Elegias do País das Gerais*, reunindo *Planície dos Mortos*, *Anjo de capote* e *Elegias do País das Gerais*. Em 1967, a Civilização Brasileira publicou a *Primeira Epístola de Tiradentes aos ladrões ricos*. Em 1982, minha dissertação *Tempo e escritura nas Elegias do País das Gerais* foi apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da U.F.M.G. Aí tratamos a questão da temporalidade como fulcro de toda a obra desse poeta, cuja mensagem traduz antes a essência de uma coletividade do que o grito isolado de um ser solitário e triste. Em 1988, a José Olympio publicou a poesia completa de Dantas, com o título de seu livro mais bem realizado, *Elegias do País das Gerais*. Nessa obra, há a introdução de Carlos Drummond de Andrade, uma reunião de três crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* em que o Poeta de Itabira reconhece a grandeza do autor de Aiuruoca. Na já citada *História da Literatura Brasileira*, publicada em 2007, Carlos Nejar escreve quase três páginas sobre Dantas Motta, apontando acentos drummondianos na poesia de Dantas, mas ressaltando que, “talvez nem seja do Poeta de Itabira, e sim do coração de Minas enferrujado de mistérios”.

Essa poesia intensa, bíblica, mítica, elegiaca, crítica e até certo ponto difícil, faz de um poeta para poucos, aliás, a grande poesia sempre interessou mesmo a uma minoria. E aqui reencontraremos a dicção inconfundível do poeta de Aiuruoca, aliado à melhor tradição lírica da língua portuguesa, como Camões, que fez do exílio razão maior de suas canções:

Agora que tudo volta a ser como no princípio  
E de mim brota este sentimento muito manso de perdão.



Adolfo Maurício Pereira, Dantas Motta, Caio e Walter Junqueira Maciel em julho de 1973 no Pico do Papagaio, Aiuruoca-MG

## RETORNO

Sem dúvida, se o mesmo sol trouxera a mesma vida,  
No teu riso, criança, eu não seria um exilado.  
Entanto, julgando que fosse eterno,  
Pensei que no tempo raízes tivesse.

Em verdade, não assisti à transformação do Tempo  
Em vós imperceptível, como um vício qualquer.  
Andei terras, li romances, fiz versos, tive fortuna...  
Trinta anos neste reinado, sequer aposentado sou.

E volvendo, agora, ao vosso convívio,  
Se me não desprezais, pensais acaso  
Que inda sou rei, pastor, príncipe ou heresiarca?

— Não, apenas um espetáculo humano de decadência,  
Procurando o mesmo sol,  
Que não traz a mesma vida.

# POEMAS DE DANTAS MOTTA

Extraídos das *Elegias do País das Gerais*

## QUE DURO TEMPO

Que duro tempo, amigos! Nem direi:  
 – Irmãos, que rudes fronteiras separam  
 Entre o ódio, a fome e o amor.  
 Tanta noite sobre nós já passada,  
 Que o tempo mal se deixa entrever  
 No fundo ruço da neblina triste.

Há chuva no mundo? Há lama na forja?  
 Há dedos tecendo sóis em silêncio,  
 Mãos que falam de possíveis eventos.  
 Mas na solidão teu corpo se agita.  
 Vem das chuvas e dos natais completos  
 Atrás da vidraça em dura ausência.

Lá fora bem que pode haver a tarde,  
 A tarde e outras crianças da vila  
 De roda e cantos brincando.  
 As sombras da noite, de novo, se  
 Deitariam sobre a terra de si já viúva  
 De tantos dotes, alegrias tantas.

E a tua infância em face neutra ficara.  
 Breves as mãos que roçaram braços  
 Brancos e te fizeram sugar beijos  
 Frustrados que hoje vos não acalantam.  
 As rugas, porém, confluídas num só fim,  
 Dizem de males apenas caminhando.



## ENTERRO DE MEU PAI

1  
 Nenhum calor de mãos cruzadas  
 Nesta sala de indormidos mistérios.  
 Também não é um defunto propriamente dito.  
 Apenas jeito de figurar  
 Futuramente nos retratos,  
 Com olhares sérios.

2  
 Daí não o valor, o valor da indumentária,  
 Mas a utilidade, a silenciosa utilidade  
 Da camisa e suas cruéis abotoaduras,  
 Das meias nos pés descalços,  
 Sobretudo do laço infinito da gravata,  
 Apertando essa solidão de peito,  
 Amansado de exéquias...

3  
 Uma luz de suave ironia  
 Banha o defunto na sala.  
 São as vesperais da partida  
 Para a doída aurora final.

Últimos retoques no bolso  
 E nos botões que se ajustam  
 Às casas da jaqueta  
 E suas partes pudendas.

Essas mesmas partes  
 Que num gesto infeliz  
 Da velhice ou mocidade  
 Vos fizeram nascer.

## OS CONTOS DE DANTAS MOTTA

O escritor Luiz Ruffato confessou que, se tivesse tempo, poderia escrever algo sobre os contos de Dantas Motta.

A prosa de Dantas Motta é pouco conhecida. A não ser o ensaio sobre Mário de Andrade, que faz parte da coleção Nossos Clássicos, da Editora Agir, nenhum outro texto seu foi publicado em livro.

O Suplemento de Cultura do jornal *Estado de São Paulo* publicou contos e ensaios de Dantas Motta. Um número especial do Suplemento Literário do Minas Gerais publicou um belo discurso de paraninfo do poeta de Aiuruoca.

Os dois contos que aqui publicamos, já aparecidos no suplemento paulista, exibem duas facetas marcantes do poeta: o caráter social, resvalando pelo regional, com pitadas de humor e sátira, está no conto

“Um sítio por um caminhão”, em que se percebe a presença do advogado em defesa da causa dos humildes. Esse texto, de certa forma, complementa o poema “Dos retirantes”, que faz parte das *Elegias do País das Gerais*. Já o outro conto, “Transmigração do defunto Arthemio Augusto de Freitas”, dá bem a medida da dimensão lírica e surreal do poeta, a profunda sondagem psíquica, um certo terror diante do desconhecido, a questão do duplo, a circularidade entre infância e velhice, nascimento e morte. São dois instantes diversos mas que evidenciam a complexidade de um grande poeta.

CAIO JUNQUEIRA MACIEL



# Um sítio por um caminhão

CONTO DE DANTAS MOTTA

### I

Correu pelo bairro dos Quatróio que o Delcides Adornel dos Santos havia barganhado os seus 10 alqueires de terra na Serra dos Pedro por um caminhão do Olivar de Freitas por amor ainda de uma viagem ao Norte do Paraná. Corria também a notícia de que o Bade (apelido de Olivar), alegando que a barganha em pêlo lhe dava manta, exigiu, de volta, uma garrucha de fogo central e a correia da cintura. O interessante é que ninguém duvidou do caso tão naturais e obrigatórias têm sido, nestes últimos tempos, as saídas dos mineiros desta zona, não mais para o Norte de São Paulo, em cujas terras plantaram vacas e algumas roças ridicas, suficientes, aliás, para darem alguns carros de milho e de restolho... Ninguém duvidou mesmo de que, no arrastão, houvesse ido a correia da cintura do pobre Delcides. Largando esse dito pelos caminhos desmachucados de enxadas e enxadões, pás e picaretas, há quase cinqüentanos, algum tropeiro teve o espírito de carregar

de certo humor e ironia o drama de Delcides ou de qualquer outro sujeito que pudesse ter o nome de retirante. Quando se sai limpo, sai-se, consoante o dito, ou com as mãos abanando, ou, então, com u'a mão adiante outra atrás.

Delcides, porém, dando, de volta, além da garrucha fogo central, a correia da cintura, saiu ou vai sair com a calça na mão. Segurando-a, nem liberdade tem para abanar as sobreditas mãos. Inclusive impedido de, pelos ademanos, dizer adeus ou... abanar o lenço nas despedidas. Quem sai com u'a mão adiante, outra atrás, ou com ambas abanando, tem, pelo menos, a certeza de que está garantida a sua integridade física no que diz respeito à indumentária que a cobre e compõe. Mas quem sai com a calça na mão...

Por isso, comentava, com displicência, o gerente da Casa Bancária “Couto e Silva” – Teodósio Conde, cujo apelido – Dosico – mostrava nele a existência de um indivíduo miúdo, intrigante e mexeriqueiro:

– Trocar um sítio de dez alqueires de terra, por pior que seja, a troco de um caminhão por melhor que “seje”, e esse é ruim, não engata na marcha-a-ré, só mesmo de louco. Para mim o Delcides está ficando mas é gira.

– Não é bem isso, Dosico, contraveio, de longe, o dr. Regozino de Sá, advogado nos auditórios da comarca e se aproximando do grupo, em frente à igreja, onde Dosico pontificava. Não é bem isso, repetiu: loucura seria esse sujeito ficar em lá em cima sem ter nem água para beber. Aquilo virou soturno e o Delcides fez muito bem em escolher um caminhão que não engata na marcha-a-ré para não voltar mais para esta porcaria. – Bom, tornou Dosico, o senhor pensa desse jeito porque perdeu a questão.

– É possível, redarguiu, contrafeito, Regorzino. Aqui nesta terra e creio que nesta Estado a verdade precisa comparecer ao fórum de gravata e botina. As testemunhas do Delcides compareceram em mangas de camisa e pés descalços.



Um princípio de incidente ia-se formando entre Dosico, que foi testemunha do lado contrário a Delcides e no seu depoimento a canalhice porfiava com a patranha e a solércia, e o dr. Regozino, leal e um tanto impetuoso. Incidente que, de resto, não prosseguiu tal a intervenção do Padre, aliás desejada por Dosico. Mas como ia dizendo, Delcides Adornel dos Santos trocou efetivamente as suas terras por um caminhão, dando, de volta, a garrucha de fogo central. A correia da cintura já teve a sua explicação dada linhas atrás e que me parece condizer com a verdade. Agora, porém, a seguinte pergunta: — Por que teria Delcides Adornel dos Santos feito esse negócio tão esquisito e estúrdio, levando mesmo Dosico, apesar de futrica e xereta, a tachá-lo de gira?

Procurarei resumir, de modo sucinto, o caso. Com a morte de Joaquim Graciano de Faria, sogro de Delcides, o cel. Fabriciano da Água Rasa adquiriu, por vias de cessão, dois terços de sua fazendola. Ainda nem bem se procedia a partilha, e já o cel. Fabriciano da Água Rosa, da noite para o dia, sem aviso e sem consideração, despejou de uma só vez 100 reses falhadas nas suas pastagens. Inclusive nos pastos vedados que é a única coisa que escora a pobreza do sítio impossibilitado de adquirir ração balanceada em São Paulo.

Delcides não teve outro remédio senão acoiatar-se na sua humildade, frente ao senhor todopoderoso do Tatu, da Cangalha e do Ouro Fala. Não contente, mandou ainda o cel. Fabriciano oferecer-lhe 50 contos pela sua parte, isto é, pela parte do Delcides, com o direito de permanecer 3 meses no sítio. Respondeu-lhe que aquilo não tinha preço, por se tratar de coisa de família, de arrelique.

Ora, Fabriciano, mais do que ninguém, necessitava precisamente das partes ocupadas por Delcides por dois motivos:

1º — porque o caminho, por onde ele teria que ir ao Tatu para a Cangalha, passa por ali;

2º — porque a divisa do Delcides, estendendo na do cel. Fabriciano, num lagrimal, fazia triângulo descômodo na fazenda deste com 1.200 alqueires de terras e isso não poderia ser bem visto do alto do seu alpendre, onde, às tardes, sentado na sua cadeira de balanço, lia e relia os

“Pingos & Respingos” do “Correio da Manhã”.

Ademais, por que ter um vizinho incômodo às portas do seu mangueiro? “Deixa estar que eu ensino esse cachorro”, disse o cel. à mesa, na hora da janta, gritando, a seguir, para a mulher que encontrava na cozinha:

— Siá, ô Siá, mande um negro desse aí chamar o Antônio Basílio.

## II

No dia seguinte, arrombado o mangueiro, os porcos do cel. amanheceram no sítio de Delcides, fossando e destruindo o tenro feijão das águas, sujando a água da bica, poçando-se no terreiro. Quando o Piloto, latindo, quis morder um dos ilustres suínos do Coronel, um tiro de arcabuz, digo, de “espingarda”, tocaiada no fundo dum valo, berrou-lhe pelas fuças adentro, dilacerando-as.

Na cidade, pela delegacia, através da queixa formalizada, Fabriciano afirmava que o vizinho, perseguidor, mau e de “perverso instinto”, lhe “arrombara o mangueiro”, inflingindo-lhe danos.

Entrementes, foi até às cabeceiras da água e desviou-lhe, em pessoa, o curso.

À noite, o moinho parou, o monjolo deixou de gemer nos seus gonzos infernais.

Delcides levantou-se antes que o sol tinguisse a barra do dia. Sela a Piguaxa e vai à cidade buscar os seus “direito”. Sim, porque Delcides ainda acredita nos seus “direito”. E por sinal que os achou junto ao dr. Regozino de Sá que neles e no mecanismo que por ele transita também acreditou.

Diante da exposição honesta do Delcides, concluiu pelo lado da água não captada em sua fonte, sendo-lhe, por conseguinte, dominante o prédio. Inicia-se a demanda. Mas todas as testemunhas, apresentadas pelo cel. Fabriciano da Água Rasa, inclusive Dosico, altamente engravatadas e embotinadas, homens sérios e tementes a Deus, notadamente Dosico, vicentino e maçom, juraram sobre os santos evangelhos que a água do Coronel era captada desde a nascente há mais de cincoentanos. A Delcides, pois, cabiam somente as águas sobejas e nisso anuia prazerosamente “com abundância d’alma o Cel. réu de acordo com a sua

formação cristã e na conformidade daquele princípio de caridade jurídica, a que se refere Romagnosi”, concluía o seu ilustre advogado. E assim, numa bela tarde, ao sítio aporta o meirinho conduzindo um mandado do M.M. Juiz da comarca, o qual foi lido à Nhana, na ausência do marido, ordenando-se-lhes se abstivessem de bulir na água pertencente ao imóvel Tatu.

— Quer dizer, sô Meirinho, que nós não temos direito?

— Bom, direito vocês não têm, mas razão...

— E razão vale alguma coisa, sô Meirinho?

## III

Delcides, que fora buscar lã para cardar, na Fazenda do Nhô Castro, em São Pedro do Ibituruna, soube, em caminho, que havia perdido a demanda. “Sítio sem água, matutou, não tem valor. Vale menos que um caminhão, que a camisa do corpo”. Retrocede dez braças e, nas veredas que vão dar no “Chão de Cima”, perto da Sutéria, toma o rumo do arraial de Estesmorro. Não vale a pena dizer que, nesse instante, ele, casando com o trote viajheiro da sua Piguaxa, ia imponente na sua desdita e solidão, nos seus “direito” e na sua “rezão”. Chegado a Estesmorro, já quando o sol das almas era vermelho e frio sobre os cabeços dos montes, foi ter à casa do Bade. Com o cabo do relho, bateu na porta. Veio uma menina.

— Ô menina, o sô Bade está aí?

A menina disse que sim, ia chamar etc.

— Boa tarde, sô Bade.

— Boa tarde, sô Delcídio.

(Pausa)

— Apeia, falou sô Bade.

E Delcides, sem rodeios:

— Sô Bade, por que o senhor tem dois caminhões?

— O senhor por acaso deseja comprar um, sô Delcídio?

— Bom, comprar não é bem o caso, mas berganhar talvez sim.

— Berganhar a troco de quê, sô Delcídio? Tornou já agora Bade meio intrigado.

— A troco do meu sítio, sô Bade.

E antes que Bade pudesse refazer-se da surpresa, Delcides foi ajuntando:

— Não é por nada não, sô Bade. Acontece que preciso ir-me embora. Perdi a demanda, mas não quero perder a cabeça. O senhor sabe, o Coronel deseja é ficar com aquilo lá. De mais a mais, a minha família é grande: 10 filhos fora a mulher e mais aquela coitadinha, de criação, que o filho do Cel. o senhor sabe. Além disso, sô Bade, o senhor é um homem respeitado nesta zona, desde quando mandou para as prifundas o genro do Cel. O Cel. com o senhor, sô Bade, não tira farinha e assim não comerá aquele sítio de mão beijada, na bacia das almas.

— Por que o senhor não mata o Cel., sô Delcídio?

— Ah! sô Bade, não fosse aquela penca de filho e o senhor não falava duas vezes, eu já tinha feito o serviço. Mas desse jeito, a gente outurge.

— Neste caso, sô Delcídio, o senhor bate o pouso aqui, rumina mais um pouco e depois...

— Não posso, sô Bade, atalhou Delcides: a coitada está lá sozinha, sabe Deus como.

Os olhos de Delcides se marejaram, espécie de saudade antecipada do sítio, um tanto ruim, é certo, padrasto e cruel, mas seu. Como Bade não tinha por que pensar,

acabou ali mesmo, fazendo o negócio com Delcides, antigo ajudante de caminhão da Fábrica de Laticínios “Nova Aliança”.

## IV

Fazia bem uns dez, quinze anos, depois que matara o genro do Cel., que Olivar de Freitas não aportava para aquelas bandas. Mas não era por medo não. Falta de arrego simplesmente. Agora está ele ali, distante bem uns 900 metros da casa grande, onde, segundo Nhana, até o sol é triste em sua “malincolia”.

Do alpendre, o Cel., magro e espigado, caquético e forreta, e em quem até a prisão de ventre é uma virtude, tudo observa: colchões amarrados com embira grossa, pilão, cavaletes das enxergas estóicas e duras, bancas e tamboretos, mancebo, bacia, tacho etc, alojando-se no caminhão. Através da porteira, Joãozinho, o mais do meio que vai ficar com o sô Bade, e a Cida, que vai ser dada à madrinha, passam aboiando duas reses cocoteiras, um garrote para touro nada enraçado, uma novilha embernada e o burro rudomão.

— Não falta nada, Nhana? Perguntou Delcides.

Mas Nhana, absconsa, olhava para as cercanias do sítio. Passou a manga do vestido pelos olhos e, de relance, viu as suas terras murchar até debruarem-se no imenso sorvedouro da Fazenda do “Tatu”, com o Cel. rindo no meio da tempestade muda, dos esqueletos das cercas que até marcavam as lindes de sua propriedade. É o soturno. A saudade perdeu o seu chão. Dez pessoas a menos neste sertão dos Gerais ajuntadas a outras tantas e em outros arraiais e povoados, se encarregarão de diminuir cada vez mais o número de habitantes. Enquanto isso, o caminhão de Delcides, sacolejando a Nhana, seus filhos e seus trastes, roda, a esta altura, nas proximidades de Guararema, e, com as esperanças renovadas, todos derivam pelos caminhos que conduzem a Londrina, Arapongas, Cornélio Procópio, onde são felizes os “alemãos”, os japoneses...

Este conto foi publicado pela primeira vez no Suplemento Literário do jornal *Estado de S. Paulo* em 29 de agosto de 1959.



# TRANSMIGRAÇÃO DO DEFUNTO **Arthêmio Augusto de Freitas**

CONTO DE DANTAS MOTTA

**S**ão 11 e um quarto da noite. E é precisamente nesta casa e dentro dela neste quarto, após o enterro do pai, que o defunto Arthêmio Augusto de Freitas escreve e lê qualquer coisa sob o quebra-luz. Lá fora, vigiando o quarto, a ramagem de velha figueira agitada agora pelo principiante vento do outono, tão visível, aliás, em Vila Nova do Pilar. São onze e um quarto da noite, como já lhes disse. Sente que há passos na calçada. De estranhos. Que lhe parecem longinquamente conhecidos. Longinqua e misteriosamente. Quase familiares até. Ouviu-os, contudo, não sabe onde. Ou nunca os ouviu? Levanta-se. Com a bíblica no bolso, seu velho hábito. Puxa um pouco o aro dos óculos. Faz que olha por cima. Os passos se afastam, somem, como se novamente entrados na eternidade, de onde vieram. Na rua,

enquanto o vento levanta os papéis pelas esquinas, um cão, às tontas, anda a rosar e a roer agregado à casa – e que se vê, perante a luz elétrica há pouco inaugurada, despojada do seu prestígio e glória de ontem, feitos de trevas, de lendas acerca do cavalo de 3 pés, da mula-sem-cabeça, enfim de cativo e abusões selvagens. Volta ao quarto. Ao passar pelo corredor, vê ainda a mãe, com a face na mão, toda de preto, sentada na velha canastra, a mesma do casamento, ostentando, com tachinhas douradas, as iniciais do falecido marido, isto é: V.A.F., ou Venerando Augustho de Freitas. Lembrou-se do tempo em que, sob a luz do lampião belga, lia “O AMIGUINHO DE NHONHÔ”, enquanto a mãe, fazendo crochê, cantarolava os “MEUS OITO ANOS”, de Casimiro de Abreu. Torna à leitura, enfarpelado no seu cavu preto, a sugerir alguém que “portasse” herpes, morfina, ou, pela naftalina, preludiasse missa de 7º dia, em talha de roupa nova de defunto. Não teve infância. Mas sentou-se na cadeira, pensando nos “MEUS OITOS ANOS”, de Casimiro de Abreu. Chegou até mesmo a murmurar aquela canção, quando, de novo, ouviu passos, não mais estranhos, porém os mesmos. Na esquina agora. Sob a sombra doutra árvore. Parecia transitar pelos ombros da própria alma trafegada de mal feitas primeiras comunhões, remorsos, assassínios alentados longamente na ideia, jogos de cartas ou roleta, supostas honras de moças difamadas. Novamente os passos. Quase nos seus ouvidos. Levanta-se com o fito de ir ao escritório do pai. Seu andar é térreo. Súbito, as janelas se abrem, em fragor, o vento por elas entra louco o quarto em farândulas, abrindo-as e fechando-as, agora, num remoinhar de chofre. Os papéis voam da mesa. O tinteiro cai. Esgarça-se a folhinha. Domina o susto, enquanto as janelas tenebrosas, trabalhadas pelo vento, iam e vinham rangendo nas suas dobradiças dolorosas. Fecha-as. Volta à cadeira. Suando frio. Sensação de desmaio. Corpo e cara transidos de lividez. Afasta um pouco a cadeira, com uma humildade e aceitação de fazerem dó. Com a frente apoiada às mãos cruzadas, debruça-se sobre a mesa, olhando, ora o chão, ora a parede. Dança ali uma sombra. Assustou-se: pensou que de outrem. Mas era a sua própria. Fecha os olhos: as pupilas, contraídas, transmitem-lhe uma porção de imagens sem lógica. Os passos, ele os sente cada vez mais próximos. Tão próximos que parece que os vê. Na sala. Alguém se senta no sofá. Arthêmio quer rezar. Mas não sabe mais dar o nome a Deus. Ergue-se e, quando o faz, afasta-se, apavorado, porque dá de topo com alguém parado em frente à porta do quarto. Pensa na materialização do próprio “eu”. A mesma bengala, em que se abordoa. Idêntico capote. No bolso a mesma bíblia. E na face a mesma expressão de piedade e culpa. Grisalhos são-lhes os cabelos. A face ajardina-se de

barba velha, de alguns dias. Está todo molhado. De chuva e suor. Parece que sofre de engulho. Os pés são terríveis, no chão. Parecem pés de Espanha. Parados como um aracnídeo. Calçados com botas enormes, redondas, acirculados de galões. Vê-se que são novas. Inda têm selos. Arthêmio tentou novamente persignar-se. O outro também. Buscou murmurar “MÃ-MÃE”. Os lábios do outro, movendo-se frios, configuravam-se àquela palavra. Há, agora, um gelo eterno dominando até as paredes. Arthêmio tenta mover-se. O outro não o deixa. Quer gritar. O outro procede de idêntica maneira, e de sua garganta não sai mais que um triste esgar. Arthêmio sua. Sobre os ombros do outro está chovendo. Dos bolsos brotam murchas flores amanhecidas ou soveladas por um corpo duro e de pau. Parece que do punho lhe pende um rosário. Aproxima-se de Arthêmio, a essa altura já de encontro à parede, como que a pedir misericórdia. Abre a boca. Ouve uma voz triste, dos confins do mundo – relincho de cavalo, de mistura com uivo de cão – e quando, com os dentes enormes, tenta mordê-lo, Arthêmio emite tamanho grito de pavor, que atravessa as janelas e portas, corredores, salas e paredes, trazendo-lhe, de uma só vez, ao quarto, a mãe e Celuta. Envergonhado, transido de suor e medo, nada diz. O vento, entrando pela porta da sala, inexplicavelmente aberta, bolia na cortina do quarto. A lâmpada do forro molhou-lhe, durante muito tempo, o rosto macerado e passeado de mosquitos, provavelmente os mesmos que houveram passeado pelos lábios frios de Venerando, o pai. Carregado de inferno e deperecimento, o corpo esteve em precária eternidade, porque, desgraçadamente, capaz de outras vigílias. Celuta, contudo tão próxima dos terrores d’África, viu que Nhonhô estava mas era com o dianho no corpo. Somente Donana, a mãe, o sabia. Meneando a cabeça, tornou ao quarto, murmurando longos e intermináveis resposos.

Este conto foi publicado no suplemento do *Estado de São Paulo*, em 17 de outubro de 1964, com uma ilustração de Giselda Leirner.

- 1 Essa expressão aparece no poema “Noturno da Feira do Valongo”, das *Elegias do País das Gerais*. Primeiramente, o poeta utilizou a expressão Pé de Marte, alterando depois para Pé de Espanha, e recorrendo à imagem do “estúpido caranguejo”, similar ao que se vê em seguida, “parados como um aracnídeo”.
- 2 A imagem de chuva sobre os ombros também ocorre nas *Elegias do País das Gerais*, mais exatamente na sexta parte do poema “Solar de Juca Dantas”.

# O caso Dantas Motta

PAULINHO ASSUNÇÃO

---

**C**ertos poetas fazem do estranho a sua pátria. E é só aplicar isto a Dantas Motta, esse poeta mineiro que, nas palavras de Drummond, “foi o caipira mais civilizado que já vi”: se o seu *Elegias do País das Gerais*, enquanto geografia, são terras muito bem demarcadas, com um epicentro (Aiuruoca, no sul de Minas) e um desaguadouro, quase fio de Ariadne, que é o rio São Francisco, Dantas Motta é o construtor de um país dentro de outro país, sob o signo da estranheza.

Esse “bacharel sem pinta de bacharel” (ainda é Drummond quem diz), advogado andarilho pelas terras do sul de Minas, onde nasceu em 1913 no município de Aiuruoca, fala outra língua dentro da poesia brasileira. Melhor: corre todos os riscos de quem, municiado de outra compleição, outra fatura, outro timbre e outra modulação, ora beira fracasso, ora beira a genialidade – Dantas Motta é um caso. Quando morreu, em fevereiro de 1974, aos 60 anos, trazia dentro dele, como que vazando toda a sua poesia, aqueles germes (rudes, rústicos, vociferantes) que o faziam parecer cada vez mais com um profeta do Antigo Testamento.

Pode-se acrescentar: profeta e anjo decaído. A reunião de sua poesia já publicada, e aquela outra inédita ou esparsa em jornais ou revistas, que o digam. Planície dos mortos (1936-44), em cuja tessitura se encaixam um léxico de ossários, cadáveres, cemitérios, de mortos em suma, nos dá a impressão (e uma impulsão analógica) de um Hieronymus Bosch na serrania da sua Aiuruoca mítica. Não a morte naquele timbre cientificista de um Augusto dos Anjos, por exemplo, mas aquela outra de denotação bíblica, dantesca talvez, símbolo do além que ainda atazana o resto.

“Delírio xingatório”

*Anjo de capote* (1946-52) dá segmento a essa fase, digamos, soturna do poeta, ainda que pela introdução sutil de uma certa cenografia do cotidiano, seja possível antever a construção (já em marcha e em progresso em 1943) das *Elegias*.

Eis aí o estranho lambendo o estrangeiro. Esse longo (cinco módulos ou cinco livros) assentamento do “país” de Dantas Motta, esse país que não há, esse país que não houve e, por isso mesmo, é em tudo desejante,

terra da promessa nunca alcançada, essa consubstanciação marítima de Minas (“estamos em pleno mar sem gaivotas/ o grande e pleno mar de Minas”), ei-lo: são rumores de profeta, rumores da língua de um profeta que vazam pelo entretecido texto do “poeta social”.

É isso mesmo: aspem esse poeta social. Pois, se Dantas Motta teve a possibilidade de contaminar a poesia com a política (esteve para se candidatar a deputado pela UDN e cometeu um “pecado dos verdes anos”, disse-o Drummond, filiando-se à ação integralista brasileira), nele houve mais a proximidade do que a recaída nisso que, grandiloquentemente, vitimou tanta poesia. Em *Elegias*, o social vem atravessado pelas vozes que demarcam ou elegem ou até mesmo nomeiam, não o desejante do poeta-ideólogo, mas a geografia, o meio físico e mítico de uma Terra Santa mais para Jerusalém do que para Leningrado.

Mas há, além de *Hora de Isabel e Esparsos*, as também inéditas *Epístolas. A Primeira epístola de Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes – aos ladrões ricos*, chega aos livros comum pedido do próprio poeta para que não figure como poesia, nem esta nem a segunda, a do *Tiradentes apóstolo ao ilustríssimo e excelentíssimo sr. Capitão de mar e terra destes povos do Brasil*. “Estou possuído de delírio xingatório”, confessou na ocasião o poeta a Drummond. Se, de fato, essas Epístolas parecem pouco acrescentar às elegias, fora esse tom transbordante, que parece não caber em si mesmo, elas são o gesto de quem, após construir um país, povoa-o com o seu mártir. Um mártir que, ligado ao próprio poeta (ele descendia de um dos inconfidentes) e viajor de seu “país”, torna-se um emblema de sua poesia.

Razão tinha mais uma vez Mário de Andrade, quando disse, entre songamonga e definitivo, sobre a poesia de Dantas Motta, respondendo a uma inquietação de Sérgio Milliet: “Carece ler.”

PAULINHO ASSUNÇÃO

é poeta, autor de *A Sagrada Blasfêmia dos Bares* (Civilização Brasileira). Esse texto foi publicado pela primeira vez em *Leia*, junho de 1988, p.35.

---

## O Caso de Antonio Zonta:

Esquitos' fuztwa n' bndôja na aorta fvia,  
 Trazendo-me, um passio de lmgos gaxeros,  
 A que' a p'ntwa n' q'lo que r'iscava, de mallete, de v'ntis,  
 Todo n' m' tempo t'cido n' p'ntre, rel'nto e ch'ri.

Tela po' se um p'ntre esquisito, p'ntre qui' o' s',  
 E a' m' m' p'ntre n' m' ex'ntre de h'ntre e b'ntre l'ntis,  
 T' q'ntre n' b'ntre l'ntis de m' m' i'ntre p'ntre  
 E é o' s' sei jo n' b'ntre m'ntre o' b'ntre de m'ntre t'ntis?

Um. n' m'ntre n'nt e' t'nt, n'nt n'nt e' l'ntre n' o' m'ntre  
 Entre f'ntre, f'ntre, de m'ntre e m'ntre de m'ntre t'ntis  
 Para n'ntre, n'ntre, n'ntre n'ntre n'ntre n'ntre.

O'ntre l'ntre e o'ntre de m'ntre e m'ntre f'ntre,  
 Que n'ntre l'ntre n'nt n'nt n'nt n'nt n'nt,  
 De m'ntre t'ntre n'ntre n'ntre n'ntre n'ntre.

W'ntre o'ntre

# EMBARCAÇÃO NOTURNA

---

Coquetel fantasma à bandeja na aurora fria,  
Trazendo-me, nos passos de longos garçons,  
Aquela pluma de galo que riscava de mulheres servidas,  
Todo um tempo tecido de parede, retrato e chão.

Tempo de um pavor esquisito, entanto quieto,  
Caminhando por um enterro de homens e bromélias,  
Té quando de mim os barbitúricos inda precisem,  
E este beijo na fronte marque o sentido doutras ofélias.

Um umbigo não é taça. Mas nele floresce o mundo,  
Entre formões, formóis, serrotes em flor serrando tíbias,  
Para amanhecer, amanhã, nas grades outros ladrões.

Outros ladrões e outros chãos de emurhecidas flores,  
Que não lograram viver hoje porque são ontem,  
De onde tenho partido para nunca mais voltar.

DANTAS MOTTA

# QUEIJO MINAS

MANUEL BANDEIRA

**N**uma de minhas últimas crônicas, fiz breve referência à soberba epístola em que Dantas Motta pôs-se a falar aluvialmente do chamado rio da unidade nacional, apartado dos demais que fluviam este país, para ser santo.

E não me contive que não lembrasse ao poeta que nunca mais me mandara ele um queijo de sua terra e do nome de sua terra.

Pois não lhes conto nada: dias depois, recebo de Aiuruoca um jacazinho com quatro queijos-de-minas e um maço de goiabada cascão. Tudo acompanhado destas instruções tão saborosas quanto o manjar de boca:

*Olhe que é um queijo tão digno que se aborrece na geladeira. Nela, perde o gosto. O que ele quer é tábua numa cozinha sem forro e acima do fogão. Mas você não tem, no seu apartamento, nem uma coisa nem outra. Nem mesmo fumaça. Acredito, assim, que, quanto mais depressa comida, mais você lhe diminui a tristeza. Torne-lhe, pois, breve o exílio. Pena que não lhe possa mandar também angu quente. Isso com queijo mineiro é admirável. Mas o angu, como o queijo mineiro, a única coisa que não requer é civilização. Fubá do Rio não dá liga. Logo, o angu, partido disciplinadamente, é coisa mais indigna que já vi. Vai também um maço de goiabada tipo cascão. Um pouco impraticável principalmente para quem possui dentaduras duplas (“ainda não sou bem velho para mercervos”). Vai envolta decentemente em palha fervida e amarrada com embira limpa. Dou-lhe apenas um trabalho: o de mandar*

*buscá-los na Rua Acre, 34, às treze horas de quarta-feira, no momento em que aí chega o caminhão-transporte daqui. Convém buscar logo, para evitar o calor carioca, com o que não se dá bem o queijo, feito com muito carinho em cozinha limpa de sítio de gente limpa e sem a interferência indigna de qualquer maquinaria.*

Dantas, meu grande poeta, Dantas, meu velho, sabe que considerei também coisa indigna mandar mãos mercenárias buscar tão raras iguarias: fui buscá-las eu mesmo. E desde aquela quarta-feira tem sido aqui neste apartamento do Castelo e suas sucursais uma formidável, gargantuesca e pantagruellesca orgia de queijo-de-minas e goiabada cascão! E, honra a ambos, ninguém indigestou! Sabe, Dantas, que não engulo queijo-de-minas que não me lembre do nosso querido Mário, que Deus tenha. O criador de *Macunaíma* era brasileiro como ninguém. Menos nisto: não gostava de queijo-de-minas! “Começa que não é queijo”, bradou-me indignado certa vez que ousei enfrentar a erudição de meu amigo no assunto. – “Queijo ou não queijo – com goiabada de cascão é sublime!”, respondi.

Dantas, meu velho, agradeço-te tanta sublimidade com palavras do teu mais recente poema:

*Graça te seja dada, e paz da parte do Senhor, o Qual te assista, assim seja!*

(23-9-1956)

BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio: Nova Aguilar, 1974, p.505

MANUEL BANDEIRA (1886-1965)  
pernambucano de Recife, é um dos maiores poetas brasileiros.

## BREVIARIUM DE FREI JEREMIAS

Está amanhecendo o dia, minha amiga!  
E os nossos sentimentos tão iguais!  
Tão longas as nossas dores,  
Tão breves os nossos risos.  
Paira em tudo uma indecisão amarga  
E eu não sei o que fazer  
Nesta manhã tão clara, tão branca,  
Em que as névoas são inúteis,  
Os passarinhos proverbiais.  
O sol, que nasceu ontem,  
É o mesmo de hoje e será o mesmo  
De amanhã, de depois, de depois.  
Só nossos corpos em nossas almas  
Se mudarão e com eles o mundo  
Que é tão vasto e, entanto,  
Não comporta minhas tristezas,  
Minhas alegrias. Está amanhecendo!  
O sono da noite, que correu bravia,  
Não comporta os trabalhos do dia  
E este sofrimento afinal não é tão breve.  
Certo, amanhã morreremos e eu não deixarei  
Mais fundas lembranças que não os teus  
Outonos sobre as memórias repetidos,  
Nem outro bem que não a amargura  
De ter vivido.  
Os amigos de São Paulo, Rio,  
Belo Horizonte,  
Pensam que este riso é meu,  
E com eles até Israel, em Irati,  
No Paraná.  
Mercedes, porém, apesar de estúpida,  
Sabe-o apenas um disfarce  
Com que oculto esta tristeza,  
Esta dor.

Walter Junqueira Maciel

## III/ AS ALEGORIAS EM TRÂNSITO

(fragmento da "Epístola de São Francisco")

Um anjo, ave sagrada, com as asas cheias de poeira,  
Vindo dos portões em ruínas do Paraíso,  
Pousa num comutador e, ali, deixa, com desprezo,  
Sua dejeção de pássaro.  
Todo o norte se ilumina,  
enquanto eu, à beira do abismo,  
Sou hástea, flor, oceano.  
Também ilumino e não sou sol.  
Porque os donos da vida,  
expulsando da vida,  
o Anjo, o Pão, o Pentateuco e o Amor,  
se organizaram em quadrilhas de sociedade anônima,  
Ou autarquias que o fero Estado cria, esquecidos,  
Esquecidos de que eu também posso ser  
A Curva do Dniéper,  
O Cotovelo do Don,  
Amém.

## POEMAS DE DANTAS MOTTA

Extraídos das Elegias do País das Gerais



# Elegias do País das Gerais

O LIVRO ESTUÁRIO DE DANTAS MOTTA

GUILHERMINO CESAR

---

**N**a coleção “Resgate”, do Instituto Nacional do Livro, foi incluída a obra quase completa de Dantas Motta, testemunho de uma forte individualidade como há tantas na velha Minas, onde são tão frequentes as obras portadoras de experiências pessoais embebidas de forte conteúdo coletivo. Veja-se a obra de Drummond, a de Pedro Nava ou principalmente a de João Guimarães Rosa, nas quais a memória do clã tem entretos, segredos, ressonâncias sentimentais, ambiências e significações íntimas de largo espectro.

Prosadores e poetas dessa família marcaram ali, sobretudo nos últimos anos, sua fidelidade outrora reservadas a expoentes políticos (um Bernardo Pereira de Vasconcelos, um Teófilo Ottoni), às origens locais, aos contrachosques da civilização agreste instaurada naquelas montanhas por sofridos povoados, por onde transitaram os comparsas nacionais e estrangeiros da civilização do ouro.

O passado não é assim, um motivo frívolo para externar sentimentalismos vazios, mas um vínculo substancial. Isto é, uma segunda natureza que o homem exercita como quem trouxesse consigo, nas atitudes, no pensamento, no jeito de falar, a cédula de identidade mais prezada.

Pois é certo: a obra de José Franklin Massena de Dantas Motta (1913-1974) inclui-se nessa galeria de criações literárias que melhor se explicam no quadro coletivo, com todas as suas impurezas, do que por meio de um individualismo festivo, bonitinho. É o caso do nosso autor. Repele

o efêmero, preferindo colher e reelaborar os sumos nativos para retratar o complexo a que pertence.

Nossos caminhos se cruzaram, pela primeira vez, na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, por volta dos anos 30. Eu começava a sair do casarão da Praça Afonso Arinos e ele chegava estouvadamente com ares esparramados de dono da vida.

A vitalidade daquele rapaz, os gestos largos, o imprevisto da fala, as contradições em que navegava, tudo nele logo me pareceu como que selado por uma autenticidade que os últimos anatolianos da nossa roda não pareciam compreender.

Dantas Motta, estivesse num palácio ou num bar da rua da Bahia, na roda do chope, discutindo com a gente ou com os patriarcas do Antigo Testamento, as mazelas do corpo e da alma, em qualquer lugar ou situação parecia trazer na cacunda a sua Aiuruoca parada no tempo.

A poesia que nos legou teve começo com um voluminho de *Surupango* (1932), que não foi incluído na edição agora lançada pela José Olympio em convênio com o INL, seguindo a orientação que o próprio autor se impusera na primeira edição das *Elegias do País das Gerais*, em 1961, e fez bem porque sua estreia ainda não captara toda a dramaticidade, todo o desconcerto do poeta com o mundo em que mentalmente se formara. Falta-lhes, a esses poematos, a visão catastrófica, o impulso lírico e irreprímível, o enviezado, a trama histórica, a experiência vital do homem reprimido a matutar, entre montanhas de antigas lavras exaustas, sobre as heranças do sangue e dos bens terrestres e celestes que explicam o conflito interior dos sentimentos de mineiridade.

A chave do problema vital, como no caso de Péguy, recordado por Dantas Motta em mais de um passo de sua poesia, não existe para um bom poeta senão no estado de impurezas das coisas. Ele é que tem de purificar, resumir, impor a sua visão dessa mesma substância que ao comum dos mortais se apresenta imprevisível nos seus desígnios. Dantas Motta é o poeta vidente, concebe uma poesia autodeslumbrada consigo mesma, liberta de convenções exaustas. Renova-se na assimilação da matéria bruta acumulada pelos séculos, desde a Bíblia, que foi aliás a leitura talvez mais engajada do lutador Dantas Motta.

E nessa moldura ele vê os coronéis barbilongos, pai, mãe, irmã, os oprimidos, os venais, os ladrões do “País das Gerais”.

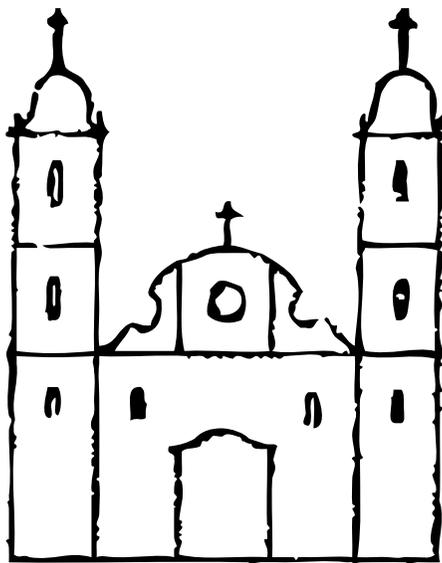
Esse poeta se acomoda, e se incomoda, no meio do seu povo, com a naturalidade da semente dentro do fruto. Seus poemas longos, ásperos, correm como paralelas em ziguezague tocando nos pontos cruciais balizados pelo sentimento generoso de que nenhuma história humana é integralmente bela sem a moldura do povo a explicá-la na sua complexidade.

Veja-se nesse livro como a presença de Tiradentes e a das populações anônimas se alternam e se interpenetram. Dantas Motta tem a visão dos contrários, questiona o bem e o mal, funde naturezas opostas, engrandece o pequeno e desmonta o poder das ilusões. O rio São Francisco, por ele mostrado na limitação das carências diárias, das doenças, da melancolia enfermiza dos pobres, não perde em grandeza dentro do quadro histórico nacional. A fixação dos limites humanos e a linguagem dos símbolos comandam o espetáculo nesses poemas que outrora se escreviam em latim. Mas agora eles existem talvez com maior força na língua “errada” do povo, nos torneios sintáticos imprevisíveis do poeta mineiro. Este anima e renova velhas metáforas, serve-se de um arsenal de imagens pouco comuns na poesia de hoje, fazendo-o quase sempre com uma perícia excepcional.

Atraído por São Paulo, onde fez bons amigos (Sérgio Milliet, Mário de Andrade e outros remanescentes da primeira hora do Modernismo), mas sempre fiel a sua Aiuruoca,

onde escreveu a melhor porção de sua obra, Dantas Motta leu muito, sobretudo a *Bíblia*, impregnou-se do sentir de eternidade, não atrelada passivamente a determinada concepção religiosa. Essa matéria-prima foi inventada lentamente e lançada no papel em momentos que parecem impulsos insopitáveis da alma. A poesia foi para ele uma evasão dolorosa, sofrida com paciência e com bom humor.

A aceitação do trágico operou-se dentro dele sem extirpar as raízes do humor. Da curiosa mescla resultou certo complexo não isento de caráter quase religioso. Quero dizer com isto que ele aceitou o mundo estoicamente, tolerou, amor nos extremos de que a vida está



cheia. Poucas vezes, sobretudo em língua portuguesa, se encontra tamanha riqueza metafórica, tamanha urgência, tamanha perplexidade, como nas *Elegias do País das Gerais*. Esse livro, composto no correr de uma vida passada quase toda no município de Aiuruoca, veio a ser o emblema de uma tradição que no Brasil central se explica pelo universalismo inerente à experiência vital dos mineiros.

Deixei anotado no início que *Elegias do País das Gerais* pertence ao número das obras paradigmáticas que o pós-Modernismo veio a produzir, valendo-se em grande parte dos resíduos temáticos e das experiências estéticas do Modernismo. Sem Carlos Drummond de Andrade, sem Mário de Andrade, por exemplo, não haveria no Brasil um livro assim que abre

caminhos a novos ensaios de literatura marcados pelo signo das tradições localistas.

Ele repete, e confirma, aquela observação de José Veríssimo, segundo a qual todo o nosso processo literário resulta da fusão que temos feito, bem ou mal, desde Bento Teixeira, das várias tendências regionalistas que nos traduzem em face de nós mesmos com mais veracidade e beleza do que essa literatura do asfalto, menos enriquecedora talvez do que aquela torrente impura que o meio agreste inspira ao escritor que se quer brasileiro no tom e no som.

Carlos Drummond de Andrade, com a costureira proibida intelectual, nos dá na introdução das *Elegias* um perfil do poeta de Aiuruoca que vale a pena reter. Diz ele: “Dantas foi, por assim dizer, o proprietário, em nossa poesia, de um estilo e um pensamento crítico-poético que não chamarei de inovadores, no sentido de atribuir conteúdo vanguardista a essa classificação. Seria mesmo o contrário disso, pois lhe repugnava os malabarismos verbais, as charadas ideográficas, a sofisticação de recursos ópticos que distinguem uma poesia mais decorativa do que substancial. O que ele tinha a transmitir em verso era demasiado importante para se submeter a cânones de uma ilusória inventividade. Pedia elocução não criptográfica ou lúdica. Por isso, achou o dizer adequado, ora grave ora sardônico e mesmo navalhante, mas sintaticamente completo”.

Quero dizer ainda que desse companheiro nunca me desinteressei, desde que o conheci naqueles tempos remotos. Se nele adivinhei um poeta visceral, longe estava eu de imaginar que ele viria a escrever essas *Elegias do País das Gerais*, um livro estuário, como existem poucos em qualquer literatura.

#### GUILHERMINO CESAR

nasceu em Eugenópolis (MG) em 1908 e faleceu em Porto Alegre (RS) em 1993. Foi professor, historiador, ensaísta e poeta. Este texto foi publicado originariamente no Caderno de Cultura do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 9 de abril de 1988, por ocasião da edição da obra completa de Dantas Motta.

# NOS VINTE ANOS DA MORTE DO POETA

GILBERTO NABLE

**V**ou descendo lentamente a rua de baixo. Como no poema de João Cabral os galos tecem a manhã. Tecem e entretecem, de quintal à quintal, e os fios de seus cantos erguem um arco transparente no pulmão claro do dia. O cemitério municipal fica numa pequena elevação, afastada da cidade, logo após a ponte. O rio Aiuruoca, nesse trecho, apartando os vivos dos mortos, poderia chamar-se Lete, o rio do esquecimento. Entretanto, a paisagem que de lá se vê é magnífica: a Serra do Papagaio aparece inteira, monumental e soberba, e o rio desliza em meio aos bambuais, na aragem calma. Vista desse ângulo, nos portões do cemitério, a cidade parece um aquário luminoso. Aquário habitado, nessa hora matinal, por gritos de crianças, líquidas andorinhas, -- seres tranquilos como peixes de água doce, a deslizar por bares, ruas e esquinas.

Transpostos os pesados portões, depositei uma rosa no túmulo do poeta Dantas Motta. As rosas que ele tanto amou, num fervor quase místico: “Vivas, tristes ou belas, não as canteis jamais./ Deixai que os campos ou os ventos as agitem serenas,/ Frágeis, mansas, no mistério de todas as palavras./

Não bebi das águas do Lete. Não me esqueci do poeta Dantas Motta e do nosso convívio. Daí essa vontade de escrever sobre ele, vinte anos depois de sua morte. Quando ele morreu, em 1974, eu tinha apenas vinte anos. Planejávamos, então, nessa época, escrever algumas observações sobre o recente livro *O menino antigo*, de Drummond, que ele me dera para ler e anotar a lápis. Nesse livro, a bela dedicatória que me ficou gravada: “Para Dantas Motta, flor e pedra do chão mineiro oferece Carlos Drummond de Andrade”. Nosso trabalho

conjunto seria publicado no *Suplemento do Minas Gerais* e chamar-se-ia “Anotações de um velho e de um novo poeta sobre o livro de Drummond – O menino antigo”. A morte impediu que isto acontecesse.

Mas a minha intenção é dar um pequeno depoimento de alguém que conviveu desde a infância ( ele foi casado com minha tia-avó Arlete Nable) com a fascinante e contraditória pessoa de um grande poeta. A primeira lembrança estranha que tenho dele é do Bar União, bar de meu pai, quando ele me pedia para encher vários vidrinhos com uísque, vidros de remédios sem os rótulos, que ele usava para esse fim singular. Menino, sem entender direito, eu completava os misteriosos vidros (três ou quatro), que ele distribuía pelos vários bolsos do paletó. Ia bebendo ao longo do dia, puro, tipo caubói, transformado em bar ambulante, sem

chamar muita atenção. Alguns achavam que era xarope ou medicamento para uma doença qualquer. Era o que parecia ou o que ele desejava que parecesse. Deu certo.

No cotidiano não demonstrava essa tristeza inconsolável que marca seus poemas e emociona quase até o nó na garganta, um “soluço travado”. Gostava de contar casos e anedotas, sendo terrível na escolha de apelidos, acertava na alma do coitado, marcava o sujeito para o resto da vida. Entretanto, era quase sempre cordial, nem um pouco pedante, simples no trato com as pessoas. Mas quando indignado, possuído de “delírio xingatório”, como se referiu numa carta, ficava impossível no manejo da língua. Ai do alvo escolhido, pobre da criatura que lhe ocupe a mira. Cairia retorcida e fulminada pela sua cáustica retórica.

Eu, mais tarde, já adolescente, passei a frequentar sua biblioteca. Eram raros os bons livros em Aiuruoca, bibliotecas nem se fale, e foi para mim uma descoberta decisiva. Imensa, vasta e tumultuada biblioteca, com livros espalhados pelo assoalho, nas mesas, nas cadeiras. Pilhas sobre pilhas. Milhares de livros. Lembro-me que olhei para tudo aquilo com o coração sobressaltado. Descoberto o raro filão, eu costumava ler até altas horas, à luz de velas. Sim, à luz de velas, pois as lâmpadas em Aiuruoca eram apelidadas de “tomatinhos”, pois não iluminavam quase nada. Embora ele tivesse um natural ciúme de seus livros, foi totalmente generoso comigo, deu-me entrada franca, eu podia pegar livros mesmo na ausência dele, desde que anotasse o que havia escolhido. Algumas vezes mandava seu empregado – de apelido “Beira” – entregá-los em minha própria casa. Eu abria a porta e dava de cara com o engraçado mensageiro literário: – “O doutor mandou pra você ler!....”

Ah, meu caro, saudoso e generoso poeta, quantos momentos preciosos de leitura me proporcionou! De tal forma que, depois de tantos e tantos livros lidos, sinto saudade de meus primeiros contatos com Borges, Padre Vieira (de quem ele gostava muito), Cervantes, Guimarães Rosa...Tudo novidade, tudo novo, as primeiras descobertas, as primeiras impressões, o prazer infinito de encontrar um grande autor e ler com os olhos brilhando de emoção..

Outro grande momento era ouvi-lo declamar alguns poemas, nós dois na antessala, ele com aqueles grandes olhos de míope, a voz grave, cadenciando O padre e a moça, por exemplo: “Lá vai o padre...lá vai o padre...lá vai o padre”....O ritmo imitando o galope de um cavalo, o desembestado cavalo no qual o padre, louco de amor, fugira com a donzela.

Hoje percebo que um verdadeiro poema quase sempre pressupõe uma ascese, silenciosa e obstinada peregrinação ao reino das palavras. E de onde volta-se, muitas vezes e apesar do esforço, com as mãos vazias. Esse percurso ele o fazia nas madrugadas aiuruocanas, na janela insone de sua casa (dormia pouco) ou nas caminhadas meditativas na

praça, sozinho, numa compulsão deambulatória, desafiando o frio intenso, em profunda introspecção. Pensativo e alheio, transfigurava-se, talvez, no noturno profeta das lamentações do rio São Francisco, “que percorre esse país para ser santo”. Ou no corajoso herói da Inconfidência Mineira – o Tiradentes, na epístola em que insulta “os ladrões ricos”. Nessa mesma pracinha onde está o seu busto imortal. Não consigo evitar o sorriso quando lembro verso dele nas *Elegias do País das Gerais*, antevendo o fato: “sujeito a ser busteado em praça pública”. Como, de fato, o foi, mas pelo menos com matéria menos putrescível.

Finalizando essas recordações, lembro que eu estava em Caxambu quando soube da internação do poeta no Hospital de Aiuruoca. Imediatamente peguei o ônibus e voltei para casa. No hospital ele me saudou com a habitual ironia: “Tudo bem, Jesus Cristo dos Carvários?” Eu usava a barba e os cabelos compridos da minha geração. Ele gostava de falar “caipira”, carregava os acentos, para sentir nas palavras o gosto da terra e do nosso povo: nós, ocêis, e, por extensão, Carvários (a cidade de Carvalhos, onde nascera).

No leito, o poeta, de pijama listrado, lia calmamente a bíblia, uma de suas leituras prediletas. Completei: – “Veja só. Fico feliz, você tão bem, e me disseram que era grave”....

Riu, sem mágoa – “Vai ver tinha até algum filho da puta preparando discurso”...

O resto do tempo ficamos rindo e falando sobre outras coisas, até que fui embora.

Três dias depois, em 9 de fevereiro de 1974, aos sessenta anos, transferido para hospital no Rio de Janeiro, veio a falecer por hemorragia digestiva devido a varizes de esôfago, originadas de uma cirrose hepática avançada. No dia anterior o médico, para testar-lhe os reflexos, pedira que desenhasse uma estrela. Não só desenhou como escreveu com segurança: “Ah! Os violões à rua,/ Dalguma vila Isabel,/ Num tempo em que havia Noel,/ Num tempo em que havia lua.” O hospital, onde se internara, ficava em Vila Isabel.

Começo a refazer o caminho de volta, em direção à cidade. A manhã, já totalmente tecida pelos galos, pelas crianças e pelas andorinhas, arma sua tenda transparente e plena de luz. Sou obrigado a seguir o derradeiro conselho do poeta. Percebo a brisa nos bambuais, vejo o gado manso pastando:

“Abandonai-me neste campo seco,/ Sem pomba, fel ou floresta,/ E onde a gênese se não infiltra,/Com perfume, parente e amor...”

# ELEGIA PARA DANTAS MOTTA

GILBERTO NABLE

---

Agora  
que uma frieza esquisita de termômetro

coagula  
rosas e Pentateucos,

e  
tudo volta a ser como no princípio,

um  
pássaro cego corta aflito

ares  
e montanhas de Sião.

As  
vacas, semelhando mansas igrejas

pastam  
numa planície de bíblias.

Os  
profetas de Congonhas,

Tiradentes  
e Guevara,

submersos  
no vasto mar

das  
sagradas montanhas de Minas,

meditam  
no denso crepúsculo.

Enoitecerá  
para sempre o País!

Enoitece  
em Ayuruoca,

enoitece  
no doce País dos Guaicurus,

enoitece  
em São Thomé,

enoitece  
na estação de Austin,

sobre  
o triste poeta Evágrio.

Enoitece  
nas livrarias e albergues,

enoitece  
no vasto campo do peito do prof. Jorge Auvray.

É  
noite cerrada no Bar Madrugada:

um  
cavalo-piano, louco e manso,

comanda  
o fim do mundo.

Porque,  
em verdade, poeta,

de  
gravata preta, em desbotadas listras,

a  
barba branca, na face esquecida,

sem  
Panteão e genealogias,

privilégio  
ou casta,

sem  
ter sido mártir, herói ou santo,

Dantas  
apenas,

Cavalgas  
agora a contradição do mundo.

## POEMA XVIII À MEMÓRIA DE DANTAS MOTTA, POETA MAIOR

GILBERTO NABLE

---

Pois para isso morremos?  
Para instantes de cortiça,  
em sala funérea, povoada  
de castiçais e orelhas?

Para lágrimas salgadas  
sobre fornidas empadas:  
café forte e contido riso,  
efígies de paletós e gravatas?

Para isso? Para isso.  
Formigas em branco urinol.  
Enorme e exposta gengiva.  
Espécie de estranho cetáceo,

o morto,

único que não come – o morto.  
Posto em decúbito dorsal, apócrifo,  
face geométrica da faquir, faraó,  
condenado a um jejum atroz.

Nenhum movimento intestino,  
gélida saliva, pão salobro.  
No canto alguém se assoa  
em estrídulo e banido lenço.  
Quado então estas flores,  
papoulas, cipós e ciclamens,  
começam a construir os berços  
onde embalar os defuntos.

Tem seu lado vegetal a morte.  
No tecer de podres raízes,  
no modo como se conduz,  
ou como somos plantados.

Aqui, ali, nas covas, nos cementérios.  
Sementes de nojo – catarro e pranto.  
E assim, juntos semeados, rijos,  
como se os mortos frutificassem.

GILBERTO NABLE

nasceu em Aiuruoca, MG. Publicou *Elegias Urbanas e Outros Poemas* em 1988, e *Menino Abstrato* (contos) em 1995, ambas edições do autor, em pequenas tiragens. Em 2006 saiu *Percurso da Ausência* (poemas) pela Editora 7letras, em 2008 *O mago sem Pombos* (poemas) e em 2010 *O Tratador de Canários* (poemas) pela mesma editora.

---

# AS VINTE E QUATRO HORAS DA VIDA DE UM POETA DO INTERIOR

JOÃO CONDÉ

---

- 5:30 levanto-me e tomo o 1º café frio, porque amanehecido, pretexto, aliás, para o 1º dos setenta cigarros de palha que fumo por dia; ao depois, “porão”, lugar onde estudo, leio e escrevo em termos de literatura. Questões de direito (razões, petições, pareceres, etc.) resolvo-as cá em cima mesmo;
- 9:30 subo a rua, dita da “AMARGURA”, por onde, nas semanas-santas, também sobe o SENHOR DOS PASSOS, e vou até o Largo da Matriz prosear com o Padre, o Prefeito, o Promotor de Justiça e, sobretudo, com o Isaque, um russo bom, inteligente e lido para aqui transplantado ali por volta de 1930;
- 10:30 rumo à minha casa novamente;
- 11:00 almoço frugal de mineiro regado a leite com angu;
- 12:30 fôro.
- 16:00 ganho outra vez a rua. Já agora com o Juiz e o Promotor.
- 17:00 chego à minha casa novamente, leio até as 18,30, quando janto, saio à rua e regresso entre 19 e 10 e 19 e 20, indo diretamente ao porão, de onde regresso precisamente às 21 e 55 para ouvir o noticiário da Rádio Jornal do Brasil. Quando calha haver alguma “bagunça” neste País loteado (e elas são frequentes agora), costume ouvir o “Parlamento em Ação” da Rádio Globo.
- 23:00 Porão com leitura: ensaios ou Bíblia. Não raro, escrevo.
- 00:10 subo a rua pela derradeira vez e, sem vivalma, circulo o passeio do jardim até a meia-noite e 30. À uma hora, deito-me e durmo quando Deus é servido, para me reencontrar comigo mesmo às mesmas horas em que comecei esta.
- Em  
tempo muita coisa não pôde ser dita no horário transcrito que, comumente, é violado para dar lugar à fantástica capacidade que tenho de ser desorganizado. Aí, então, procuro transmitir à imensa solidão que me cerca não apenas o seu próprio sentido aiuruocano da dor, mas a inquietação de mim mesmo que eu desejaria, toda ela, baseada na incorruptibilidade do próprio ser.

Aiuruoca – Minas

Entrevista com Dantas Motta, concedida ao escritor e jornalista João Condé (1912–1996), para a revista *O Cruzeiro*, 9 de novembro de 1957.

**infernização**  
do

**OS  
S  
'  
BA  
B  
A  
R  
A  
I  
M**

Como em Itabira,  
Diamantina  
ou Sabará,  
em Nova Lima  
não sobraram nem migalhas.  
Só as sombras,  
poeira pobre,  
tristeza que não reluz.  
Tudo que brilhava  
foi levado embora  
para a honra e glória  
do orgulhoso Reino Unido.

God Save the Queen,  
Dantas Motta.  
Você, também poeta  
(e que poeta!),  
Já sabia que  
“...caçambas,  
idas e vindas  
do inferno deste país,  
vão transitando, aéreas,  
por cabeças  
cheias de donos.”

Sim, Dantas Motta,  
“...nenhum pássaro, mesmo peculiar,  
canta, vive ou medra.  
Somente um Aleijadinho  
canta na pedra  
que tudo empedra  
a tristura deste país  
afeado de igreja, gente, ouro”.

RODRIGO LESTE

---

Hoje, Dantas Motta,  
o paraíso não existe mais.  
É o fim.  
“Olhe bem as montanhas”  
porque  
Minas...  
“Minas já não há mais”.  
O gato comeu,  
a fonte secou,  
o boi morreu,  
o fogo queimou,  
o dinheiro venceu.  
Deus Salve o patrão!  
Deus Salve o senhor!  
Deus Salve o feitor!  
Deus Salve a Rainha!  
Por todo sempre,  
e sempre, e sempre, e sempre, e sempre.

Amém.

RODRIGO LESTE

é ator e poeta. O texto foi extraído de seu livro *A Infernização do Paraíso – Mina de Morro Velho: as vísceras douradas da maldição*, publicado em 2010.

---

# Os de Sião nem mais cientes são

## DANTAS MOTTA E A IGNORÂNCIA

ADOLFO MAURÍCIO PEREIRA

---

*Tarde já. Os frutos e as crianças possuíam,  
Nas primaveras frustras que então passei a ser,  
Um sabor de saudade no mendigo que hoje sou,  
A despeito de transunto de velhas glórias  
E humanas lidas.*

Dantas Motta

**I**gnaro e ignorante, redundantemente, nosso povo – com “p” minúsculo, merece perdão. Pelo que é, pura e simplesmente: inculto e belo, mais do que a língua decantada por Bilac.

Não podemos, porém, perdoar os nossos homens ditos “cultos” e os nossos retumbantes “gestores culturais”. Eles merecem o inferno quando – ignaros, ignorantes e injustos!, desmerecem a mais essencial das poesias. Quando desconhecem a poesia do sul mineiro Dantas Motta, expoente maior da sensibilidade poética nacional.

O poeta de Aiuruoca – que também o é de Carvalhos, de Minas, do Brasil e do Mundo, comemora, solitário e quase esquecido, o seu centenário de nascimento. Enfurnado, entre deuses e sentimentos, mas esquecido dos levianos e humanos senhores da literatura nacional, aqueles mesmo que ditam mecenas institucionizados e apregoam o pragmatismo poético, fomentando ideários no mínimo esdrúxulos e surreais.

Enquanto isto nós – pobres ignaros, ignorantes, injustos e aculturados, mal lembramo-nos dele, o paridor de uma das mais expressivas poesias do nosso país.

Dantas Motta deu à luz obras únicas do nosso florilégio, garantindo-nos a solidão das *Elegias do País das Gerais* (ele, o poeta, fluindo sempre menos do que o rio São Francisco), a visceralidade do *Surupango* e a proclamação política da *Epístola Primeira de Jm. Jzé. da Sva. Xer. – o Tiradentes – aos Ladrões Ricos*. Brindou-nos, ademais, com a fluidez do verso lânguido, sem estigmas que não fosses os do sentimento e da honra telúrica, motivada esta, principalmente, pela histórica mineiridade e suas nuances sempre gloriosas.

Apesar disto, que pena!, este centenário não apresenta contornos de justiça e reconhecimento, porque nós – ignaros, ignorantes, injustos,

aculturados e intelectualmente apequenados, preferimos cantar e valorizar os jogadores de futebol, os cantores forrozeiros, os exímios montadores dos rodeios e os articulados atores televisivos, com a patente demonstração da nossa ignorância e insensibilidade para os nossos valores mais autênticos e representativos.

Os suseranos da poesia nacional ignoram Dantas Motta, como todos os que não são seus coniventes. Nas redações dos periódicos eles, jornalistas respeitados, ditam as normas do reconhecimento, determinando como bons apenas aqueles seus apaniguados, tanto quanto exemplarmente tem acontecido na política nacional. Imortalizam então, em críticas tendenciosas e que mais se assemelham a louvações, os seus pares. Bons só os seus. Desprezíveis, todos os outros.

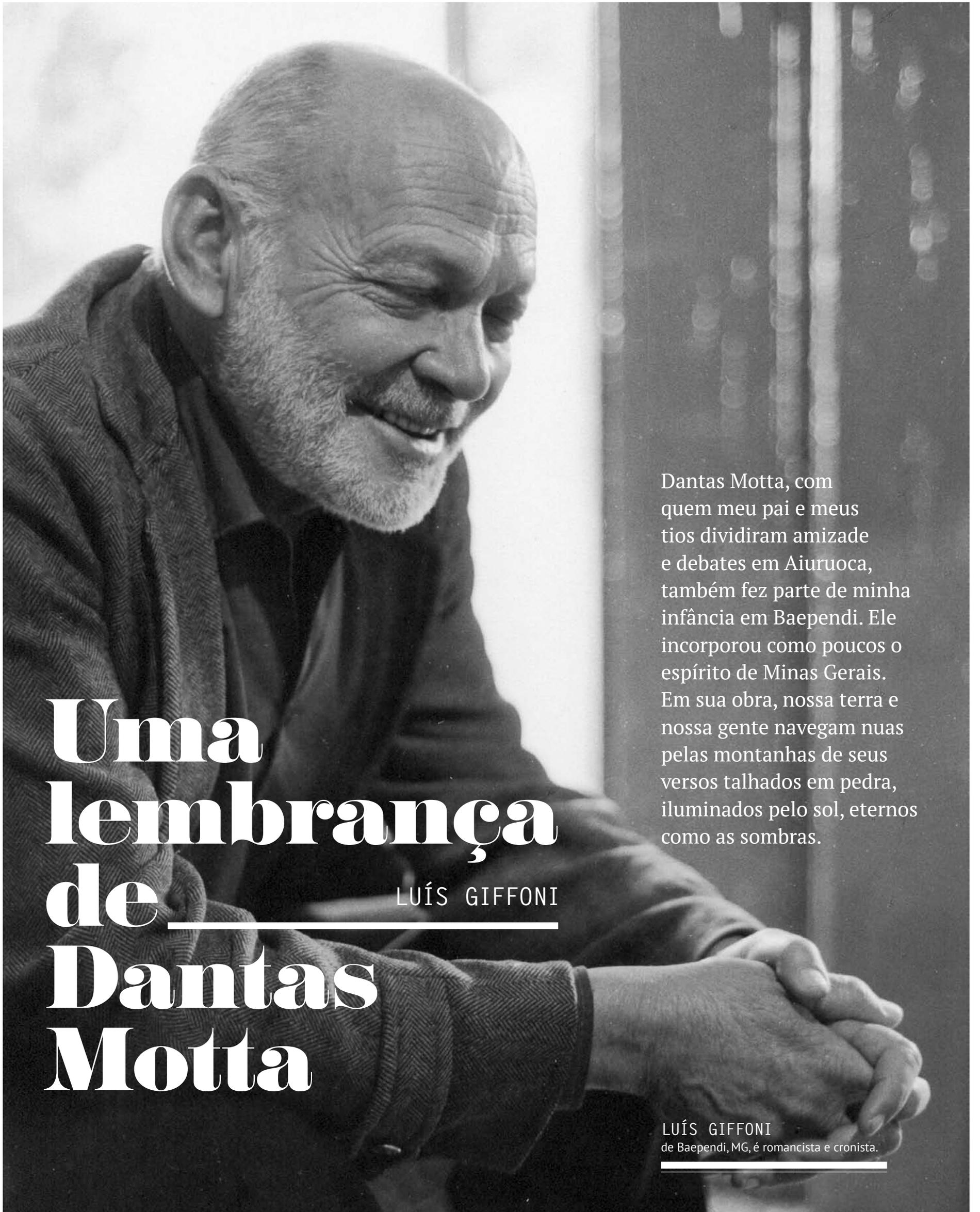
Mas, enquanto isto, Dantas Motta, poeta das Gerais e do mundo, queda-se feliz com a ironia da vicissitude dos seus poemas, eternos e limitadores daqueles pragmatismos imperantes, inclusive os literários.

E viva Dantas Motta, nestes 100 anos. Bastaram-lhe apenas sessenta e poucos de vida para encantar-se pela sua mensagem ímpar para a história da poesia nacional. Poeta maior, ufana-se – como nos ufanamos, em outra paragens... Para a nossa desonra..., nós que continuamos perpetuamente ignaros, ignorantes, injustos, aculturados, culturalmente apequenados e envergonhadores das possibilidades poéticas do nosso safado país.

Amém e louvado seja, Dantas Motta!

ADOLFO MAURÍCIO PEREIRA  
é de Cruzília, MG, poeta e contista.

---



# Uma lembrança de Dantas Motta

LUÍS GIFFONI

Dantas Motta, com quem meu pai e meus tios dividiram amizade e debates em Aiuruoca, também fez parte de minha infância em Baependi. Ele incorporou como poucos o espírito de Minas Gerais. Em sua obra, nossa terra e nossa gente navegam nuas pelas montanhas de seus versos talhados em pedra, iluminados pelo sol, eternos como as sombras.

LUÍS GIFFONI  
de Baependi, MG, é romancista e cronista.

# PRIMEIRA EPÍSTOLA DA TERRA DE ANDRÉ AO POETA-MÓR DANTAS MOTTA

1. e minha barba cresceu, “seu” Dantas,  
tendo eu a idade de cristo quando morto,  
vagando nestas áreas sedimentares  
do vale do Ayuruoca, Distrito do Rio Grande  
tendo nas mãos estas tuas elegias e epístolas  
que me travam a goela e desistir não me deixam;

2. tendo na vida teu exemplo de amor  
a este País, das Gerais chamado.

3. depois que, no frio destes ares, quando vejo o vapor  
de minha respiração fundindo-se à cerração da manhã,  
ouço o mugido das reses pascendo ao longe e sinto  
algo que me prende a este chão

este cheiro úmido de estrume e orvalho  
há séculos incrustado em minhas narinas,  
estas “rudes pastagens plantadas no ano  
zero e transmitidas no sangue” \*

4. deste leite e deste queijo que há  
mais de três séculos me alimentam

estas reses, estes cavalos,  
estas roças de milho e feijão  
correndo em minhas veias,  
o capim gordura, o canavial

e estes gabirus e estas novilhas  
que ao menos de fome  
não me deixarão morrer, pois  
que, além da carne e do leite,  
haverá, ainda, o penhor de seus corpos  
tantas vezes magros, em dívidas que não sei se saldarei  
nestas tantas cédulas pignoratícias  
assinadas por esferográficas  
dadas de brinde pelos grandes bancos;

JÚLIO CÉSAR MEIRELES  
DE ANDRADE

---

5. é triste, “seu” Dantas, ver estas poucas cabeças de gado  
que restaram sendo vendidas a preço de banana  
para a fome não chegar por definitivo nesta anosa casa  
que clama por uma reforma na cumeeira que já desnuda-se  
e no adobe do qual já se vê o esqueleto;  
mas já não há mato onde tirar os caibros e dormentes,  
há muito já não vemos os guatambus e os bálsamos  
e o dinheiro se esvai em juro e encargos  
nestas tantas cédulas hipotecárias  
assinadas por esferográficas  
dadas de brinde pelos grandes bancos,  
mas que, em verdade, são assinadas  
com o próprio sangue que tinge o papel.

6. intonce, “seu” Dantas, matutar teus falares  
é desvendar os mistérios e traduzir os símbolos  
desta terra preta de histórias

é destrinchar tua linguagem sugestiva e imagética  
que me invade o coração e forças me dá  
para nestas paragens insistir per secula seculorum.

JÚLIO CÉSAR MEIRELES  
DE ANDRADE

de Andrelândia, MG, é poeta, autor de *As  
Sombras do Casario*.

---

# A épicica do São Francisco

AFFONSO ÁVILA

---

**H**erdando dos poetas portugueses o sentimento lírico dos rios, alguns deles ligados ao destino da obra de Camões como o Tejo e o Mondego, a poesia brasileira viu formar-se uma constante que, com as conquistas incomensuráveis do modernismo, poderá afirmar-se em futuro bem próximo como a verdadeira épicica nacional. Sabemos que, cumprindo um desígnio geográfico, a unidade do país se fez através dos rios, caminhos únicos e naturais numa extensa região quase indepassável por terra em face da densidade de suas florestas e da inacessibilidade do sistema orográfico. Fixando o homem nas suas margens ou levando-o a pontos extremos na sua incessante expansão, o rio desde cedo esteve intimamente vinculado ao desenvolvimento econômico e social do Brasil, vínculo que não conheceu solução de continuidade e que, em nossos dias, se tornou mais firme pelo aproveitamento do potencial hidrelétrico. O contacto permanente do homem com o rio refletiu poderosamente na alma do poeta brasileiro, seja no romantismo, quando a natureza exuberante se converteu no assunto maior de nossa poesia, seja no parnasianismo ou simbolismo, movimentos de molde mais individualista, ou no modernismo, que levou o artista a uma vivência mais autêntica da nossa terra e da nossa gente, já sem a euforia grandiloquente dos românticos. Na Confederação dos Tamoios, Gonçalves de Magalhães nos deu, em cores excessivamente vivas, uma entusiástica visão do Amazonas, que na foz que ele descreve:



Como uma longa espada que se embebe  
Ao através do Atlântico

Entusiasmo idêntico assistiu Castro Alves na “Cachoeira de Paulo Afonso” e Alberto de Oliveira no seu poema sobre o Paraíba. No “Caçador

de Esmeraldas”, Bilac refere-se ao Guaicuí, onde a febre assaltou seu herói. Alphonsus, mais contemplativo e melhor lírico, canta o “*dolente ribeirão do Carmo*” da arquiepiscopal Mariana. Da Costa e Silva, em soneto famoso, evoca o Parnaíba, “*velho monge, as barbas brancas alongando*”. Manuel Bandeira e Joaquim Cardozo se detêm com carinho no Capibaribe, elemento plástico da paisagem do Recife, enquanto Raul Bopp sente e navega o Amazonas. Jorge de Lima enriquece a temática de sua fase nordestina com os belos poemas sobre o Mundaú, rio de sua terra que o poeta confunde com a própria infância. Em poema mais longo, em que se completam notações líricas e dramáticas de grande expressividade, ele celebra também o São Francisco. Mário de Andrade, com aquele seu amor pelas coisas do Brasil e o apego aos temas nacionais, procedeu a um verdadeiro levantamento do sistema fluvial brasileiro ao longo de sua obra poética. No “Livro Azul” fala das vazantes do Rio Madeira, nos “Poemas da Amiga” estão o Capibaribe e o Potengi. No “Noturno de Belo Horizonte”, reconstitui a trajetória dos bandeirantes, percorrendo o Paraíba, o Paraibuna, o das Mortes, o Paraopeba, o Araçuaí e atingindo o São Francisco. Tomando como símbolo de São Paulo o Tietê, Mário inaugurou o que podemos denominar o ciclo épico dos rios brasileiros. Na “Meditação sobre o Tietê”, devassa toda a complexa alma e a estrutura da grande cidade, a paisagem e seu fundo triste, o lobo e o homem. Coube a João Cabral de Melo Neto dar sequência a esse ciclo em desenvolvimento nos dois poemas que dedicou ao Capibaribe. “O Cão sem Plumas” marca o encontro do poeta com a realidade social de seu Estado. Em “O Rio”, retorna ele ao tema do Capibaribe, tentando então uma expressão capaz de levar ao leitor comum a sua mensagem solidária.

É a “Epístola do São Francisco, para os que vivem sob sua jurisdição, no vale”, de Dantas Motta, a mais recente contribuição – e das mais importantes – à constante lírica por nós aqui assinalada. O grande rio de nossa civilização, que se convencionou chamar com razão rio da unidade nacional, tem uma história e uma vida que aguardavam o seu poeta. Dantas Motta, lírico dos mais completos do pós-modernismo,

estava naturalmente credenciado, pela vinculação telúrica de sua poesia, a recolher em trabalho de maior consistência as vozes esparsas de quantos poetas que, a partir de Castro Alves, se sentiram atraídos pelo tema grandioso do São Francisco e procuraram gravar em versos às vezes impregnados do sentimento mais sincero as sugestões prodigiosas do rio. Mas ainda assim nos surpreendeu a originalidade do poema. Está ele impregnado de densidade e de emoção, de um mistério que nasce menos da linguagem bíblica do autor que das sugestões sempre renovadas do assunto. É como se ouvíssemos realmente o rio falando, ora evocando a sua infância ignorada do homem, ora a sua adolescência e o vigor moço conduzindo os primeiros marcos da nacionalidade. O rio se cansa como o homem e também esbraveja o seu ódio insopitável, boceja o seu desprezo ou apenas lamenta a “*viuvez do sertão com o jejum das quatro estações*”:



**Nesta paisagem de lua seca e palmeira só,  
Inda com canções do exílio, mas sem recortes de sabiás.  
Nem sei mais se os pássaros emigraram para o Sul.  
Somente sei que as juremas vão morrer**

Se o belo poema de Dantas Motta sofre algum desnível, não chega isso a comprometer o seu trabalho sob tantos aspectos notável. Assim, nos capítulos IV e V do “Lamento do grande rio”, as alusões a personagens vivos, conquanto destoem no clima altamente poético da “Epístola”, são acidentes quase imperceptíveis dentro da homogeneidade do poema. Preferiríamos anotar que ele próprio se supera em algumas passagens, que há nele momentos em que se sente com mais agudeza o drama, como nos capítulos II, IV e V da primeira parte. Ou que a atmosfera elegíaca e ao mesmo tempo épica da “Epístola” está repassada de lirismo em versos como estes:



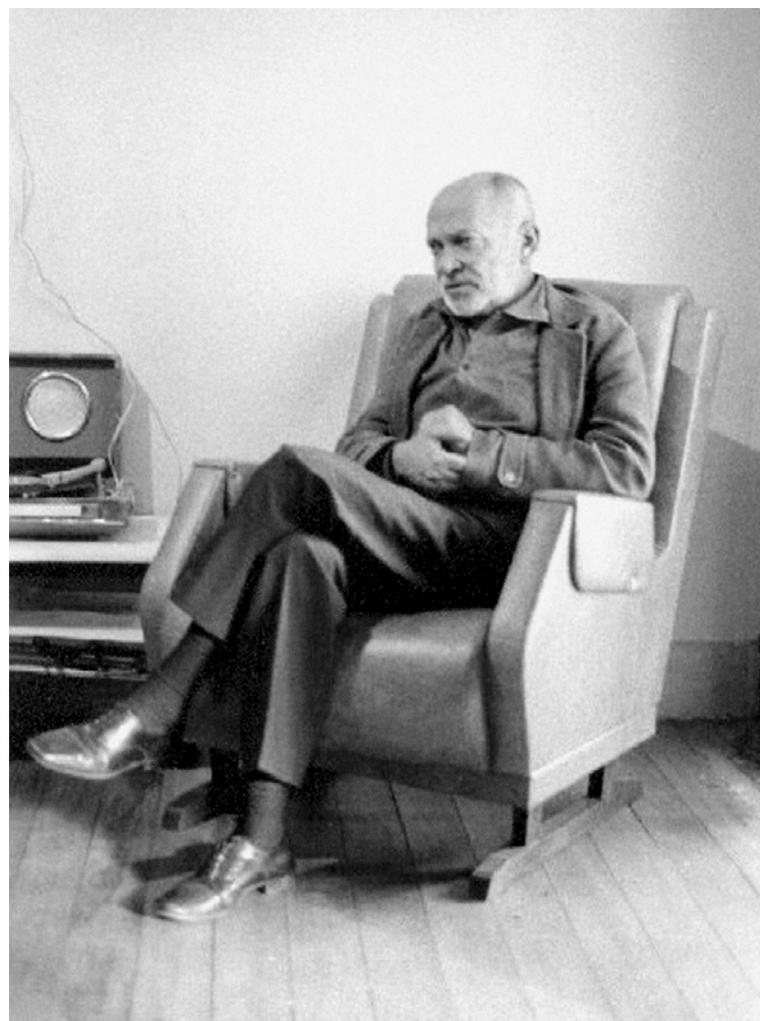
**Porque a paz que desfruto é a de uns olhos lagrimados,  
e a boca que exibe sangrenta de terras e piranhas,  
a de uns frutos sem colheita e sem razão;  
De vez que só os pássaros, os pássaros da alma e do tempo,  
nela poisam. Sem madrugada sem profecias e sem razão.  
Porque eu próprio sou sem razão.  
E a vida, que alimento nas minhas margens sem razão,  
uma espécie de saudade de chuva, longe, passando**

Cumprindo o nosso desígnio, somos um país grande que se estendeu e construiu ao longo de seus rios. A nossa civilização subiu conosco os rios, a nossa história é sobretudo fluvial, a nossa economia está hoje,

mais que antes, ligada ao curso dos rios. Aí estão a “Meditação sobre o Tietê”, “O Cão sem Plumas”, “O Rio” e a “Epístola do São Francisco” a indicar que a poesia épica brasileira será escrita com a epopeia de nossos rios. É neles que os poetas nacionais se estão abeberando da poesia maior, debruçando-se sobre eles como as cidades dos versos admiráveis de Mário de Andrade:



**Os rios, oh minha doce amiga, na beira dos rios  
É a terra de povoação em que as cidades se agacham  
E de noite, que nem feras de pêlo brilhante, vão beber...**



Walter Junqueira Maciel

#### AFFONSO ÁVILA

(1928–1912), mineiro de Belo Horizonte, foi pesquisador, ensaísta e poeta.

# Das Elegias do País das Gerais

CONCEITO DE MOCIDADE INSENSATA  
E DE VELHICE RIDÍCULA  
QUANDO A RAIVA SE CONCENTRA  
NOS QUE TEEM CABEDAL DE CULTURA,  
E DE COMO SE OS ENCARCERAM E OS EXILAM

Fragmento de *Segunda Epístola do Tiradentes Apóstolo Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Capitão-General de Mar & Terra Destes Povos do Brasil*

1. Quando eu mal cerrava vinte anos de existência, sentia o desprezo que certas mentalidades crepusculares tinham por mim. *Tanto que*
2. De louco fui acoimado, e, agora, quando caminho, para o sensato e cinzento outono, após ver despedir-se de mim a insensata primavera,
3. Concedo que só os moços, e somente eles, são capazes dos grades cometimentos. *Donde,*
4. O pavor dos velhos, porque, perdida a fé em si mesmos, se tornam crentes de cartomantes e bruxarias. Peor:
5. Egoístas conspiraram, na mocidade, e, agora, vivem de prendê-los, na escola, na rua, no quartel e na fábrica.
6. Porquanto, invejando os moços, temem-nos. E, vaidosos, pensam que ainda teem sêmen e por isso se julgam viris.
7. Ora, Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brasil, quando cadete vós vos revoltastes em Beja. Ao depois, conspirastes contra o domínio espanhol.
8. Pena, pois, é que não houvésseis morrido, fausticamente, no “esplendor” da vossa glória, vez que
9. Um herói que não compreende os moços por si próprio se nega, aposentando-se, o que é um contra-senso. *E de tal modo ofendestes o meu País, este o das Gerais,*
10. Que toda a vossa raiva se concentrou no pequeno e indispensável cabedal que, a duras penas, fui amealhando ao longo do tempo, e constituído de estudantes, padres, poetas, médicos, engenheiros capazes de fábricas, juristas.
11. E com o havê-los exilado, antes de os degradardes para as terras d’África, Cabo Verde e Macau, sadicamente os degradastes.

## CANÇÃO DO EXÍLIO

Alma,  
Pássaro solitário,  
Como é difícil abranger-te!  
nem sei como defender-te!  
Incomensurável que és.  
Num só crepúsculo,  
Passeias todas as paisagens,  
Visitas todas as terras,  
E te recolhes triste  
À morada que te serve  
De cárcere...

## O ANJO E O LAMPIÃO

Havia um lampião sobre a mesa de jantar.  
Necessariamente era noite sobre a mesa,  
A mãe, o crochê e o menino triste estudando.  
E sobre a noite, lá fora, com João Mancini,  
Cel. Fabrício e o pai, jogando, chovia.  
Insetos desolados (até hoje os vejo ainda)  
Adejavam em torno do cruel abajur.  
A cartilha era líquida como um rio.  
Necessariamente alguém me deitou.  
Deve ter sido minha mãe. E necessariamente  
Devo ter dormido. Dormido meu sono de menino pobre,  
Enquanto o pai, lá fora, na noite chovendo,  
Jogava, e a mãe, na chuva, desfalecida,  
(As formigas passeavam-lhe pela boca fria)  
Sobre a sepultura do irmão também morto,  
Naquela noite, jazia, entre lêndeas  
E alas de flores murchas e tristes.  
Mas os anjos, os anões e os duendes,  
Enquanto o menino pobre dormia,  
Desciam à mesa e brincavam ao redor do lampião,  
Sozinho na sala, maior que o mundo.

## SUPLÍCIO DE MONTE SIÃO TAMBÉM AIURUOCA CHAMADO

“Junto dos rios de Babilônia, ali nos sentamos a chorar, lembrando-nos de Sião.”  
Salmo CXXXVI: 1.

Março de 1944.

A Carlos Drummond de Andrade

Sim, Monte Sião do País das Gerais esquecida filha.  
Quando tuas auras soprarem por sobre os campos de  
Ninguém, tuas rosas inda se mostrarão sorrindo?  
Chorando? – Não, Monte, que as rosas nem riem nem choram:  
Exiladas como as freiras, são mortas para o mundo.  
Nem te direi que tuas terras estejam morrendo,  
Ou, abandonadas, sejam apenas sepulcros,  
Em que nem vida vive, nem pão medra.  
Somente esta ausência, que as migrações plantaram,  
Lhes dá este ar de interinidade precária.  
Ou são as cartas chamando os últimos compadres,  
Ou são os filhos buscando os derradeiros pais –  
Velhas mineiras de fichu e xaile,  
Embarcando num segundão da Rede (Mineira de Viação).  
Tristeza maior, no entanto, seu moço, é a dos cemitérios,  
Morrendo entre grammas por falta de combustão.  
Lá longe, no Favacho, no Angaí, no Ouro Fala,  
As fazendas vão crescendo e os sítios desaparecendo.  
Piloto, nas estradas, já não late namorando a lua.  
E um cantar de galos é terrível na solidão.  
Quando parti das tuas terras que a tristeza amua,  
Inda deixei alguns, poucos macróbios que,  
Ao toque dos sinos, até hoje à vila vão!  
Atrás iam ficando as primaveras raquíticas  
E coqueiros, solitários, que projetam,  
Na amargura do chão inculto,  
Apenas o fantasma de suas sombras magras.  
As auroras nasciam do outro lado do mundo,  
No País de São Paulo que é belo,  
E se alimenta do rumor da alegre semente.  
Alguma saudade, no entanto, seu Dantas? – Sim, Monte Sião,  
Aiuruoca, Itabira, Vila Risonha de São Romão,  
Santa Luzia do Rio das Velhas, Santa Quitéria.  
Mas pouca demais  
Para conter a inquietação desta miséria.

## NOTURNO DE BELO HORIZONTE

O chope não me traz o desejado esquecimento  
Os insetos morrem de encontro à lâmpada  
Ou se acoitam no sofrimento destas rosas secas.  
Vem do Montanhês este ar de farra oculta,  
Bem mineira, e um trombone, atravessando  
A pensão “Wankie”, próxima à Empresa Funerária,  
Acorda os mortos desolados na Rua Varginha.  
Uma lua muito calma desce do Rola-Moça  
E se deita, magoada, sobre os jardins da Praça,  
O telhado do Mercado Novo, o bairro da Lagoinha.  
Tísicos boiam que nem defuntos na solidão  
Dos Guaicurus. O próprio noturno de Belo Horizonte  
Tem lá suas virtudes: nas pensões mais imorais  
Há sempre um Cristo manso falando à Samaritana.  
As mulheres do Norte de Minas, uma de Guanhões,  
Duas de Grão-Mogol e três da cidade do Serro  
Mandam ao ar esta canção intolerável  
Que aborrece até mesmo o poeta Evágrio.  
Pobre Evágrio, perdido na estação de Austin,  
Triste e duro como uma garrafa sobre a mesa.  
Entanto nada indica haja tiros, facadas, brigas  
De amantes na Rua São Paulo, calma e sem epístolas.  
O Arrudas desce tranquilo, grosso e pesado,  
Carregando cervejas, fetos guardados, rótulos de  
Farmácia, águas tristes refletindo estrelas.  
Tudo, ao depois, continuará irremediavelmente  
Como no princípio. Somente, ao longe,  
Na solidão de um poste, num fim de rua,  
O vento agita o capote do guarda.

## NOTURNO DE UMA VILA QUALQUER

Nenhum ruído de cães nas latas de lixo.  
 (Aqui não há cães, nem latas de lixo.)  
 Como também não há os mendigos.  
 Em uma ou outra casa se conversa,  
 E o pó do café, escorrendo pelas janelas,  
 Preteja as paredes dos fundos.  
 Olga, desfolhada, não me veio esta noite.  
 Ninguém mesmo tropeçou nas cadeiras da sala.  
 Mas deve haver algum defunto, alguma  
 Criança germinando dentro da noite.  
 E não é sem tempo que Maria Balduína,  
 A parteira, com uma luz acesa a desoras,  
 Domine as mulheres grávidas da vila.  
 Orozimbo pisa que nem distrito federal  
 A Ladeira do Meio, o Beco dos Andrades,  
 Enquanto Pedro Vieira ensaia u'a modinha qualquer  
 (felizmente engasgada) à Anita Eleocádia.  
 O subdelegado de polícia e a cadeia pública  
 Dormem. Rápido, um vulto de preto, chicoteando  
 Morcegos, a Rua-de-Cima atravessa,  
 Como se fora a viúva do farmacêutico no cio,  
 Como se fora o padre conduzindo a âmbula.  
 Havia mesmo uma chusma de cavalos mancos  
 Pelas ruas. As almas, pela noite, andavam  
 Como símios. Nem todo o arraial dormia.  
 O próprio cemitério matutava.

## INSTANTE SEM FORMA

Este indefectível cigarro,  
 Esta noite e estas cantigas,  
 Tantas vezes viajei  
 Pelo mesmo papel, só os rabiscos  
 Indicam as viagens interrompidas.  
 Entanto, Maria,  
 Nenhum pensamento impuro,  
 Atravessando os limites de minh'alma,  
 Me obriga a rezar ou a dormir.  
 E como me sinto leve, leve,  
 Fatigado e triste  
 Diante da crueldade da Beleza!  
 A poesia não tem tempo:  
 Chega de súbito e sem aviso.

Inútil persegui-la.  
 Sequer esquecê-la.  
 Em vilegiatura, vaga por campos  
 E coisas incorpóreas.  
 Mas ela me comunica tal poder!  
 Tal força de integração e renúncia!  
 Tanto que, se um Anjo,  
 Desses que andam distraídos, agora,  
 Pela face mais triste da Terra,  
 Me apanhasse de súbito,  
 Pelos caminhos esquecidos,  
 De mãos dadas comigo caminharia,  
 Suave e frio como um Paraíso.

## PLANÍCIE DOS MORTOS

Será o suicídio uma solução?  
 Haverá motivos para novos prantos?  
 Que sei eu da vida se sou neutro,  
 Se existe terra e morro sem terra,  
 E não me chamo João Sem Terra,  
 Se existe cemitério  
 E me enterram numa vala?  
 Sou o Desmemoriado de Collegno  
 Mário Brunetti perdido nos jornais,  
 No fundo das canastras de couro,  
 Entre um livro de negócios e uma  
 Patente de Alferes da Guarda Nacional!  
 Glicério morreu de gripe em 1918.  
 Lá fora venta sobre a Europa.  
 O som da trombeta roçou  
 A planície dos mortos,  
 E há cadáveres  
 Caindo sobre teu telhado de vidro.  
 Um anjo passeia nestes campos.  
 Flores-de-sal se agitam nas suas margens  
 E um sol morto brota do fundo  
 De incompreendidos mediterrâneos.  
 Esquece o corpo.  
 Ele não vale um fio de ouro,  
 Uma onça de maná.  
 Esquece também da Europa:  
 Ela não vale nem mais uma imitação.  
 Prepara a terra para teu pai,  
 Tua mãe, tua esposa, tua filha,  
 Mais um filho nascituro,  
 Tua irmã epilética.  
 Um dia, esquecidas Pawlovas  
 Dançarão sobre os túmulos, ao luar,  
 Como leves e brancas borboletas...  
 Terás precedido a Isaías,  
 Irmão gêmeo de Isabel,  
 Parente de Ezequias,  
 Cunhado de Ezequiel,  
 Batedor de carteiras,  
 Tocador de trombetas...

# ZÚRZIA

ANTONIO BARRETO

---

*(ao mesttre mottanttes d'anttas que tterramotta mente remette sempre ao motte da noitte mittômatta com suas lentternas doenttes e valhacouttos que enttredenttes muttam a mettamorfa forma mortta de seu mittomotto perpeppum sem nenhum conttrole tterremotto e ttanttamente aéreo de aeiou-ru-oca)*

*e ao instigante poeta Evágrio, de vela acesa, “pobre Evágrio, perdido na estação de Austin, triste e duro como uma garrafa sobre a mesa”.*

também deste mundo não sou mas tudo que me sobe um dia caio tudo que me caio um dia subo tudo que me cabe um dia saibo tudo que me sobe um dia curvo tudo que me é raio um dia cubro tudo que me cubo um dia caibo tudo que me soube um dia esqueço nada que me é noite me amanheço tudo que me pago um dia cobro tudo que me pego um dia obro tudo que me obra um dia sobra e nada que me abro um dia fecha tudo que me é arco um dia é flecha tudo que se mexe um dia para tudo que me pira um dia apara e nada que me digo em mim resiste tudo que me é obra me soçobra e nada que se mira me arremata quando enfim me corro na hora exata tudo que socorro me desata onde tudo foi a solidão persiste onde tudo era tudo iro e oro onde tudo aturo tudo aro e erro aí na roca onde nada urro onde tudo berro roça rogo nada desse dia me deixará sozinho porque de mim comigo me sobrou o ninho antes que me deixe o passarinho tudo que me vinho venho a ver de nada tudo que vermelho verde em mim se muda outra mente boca de outra sede fico ao viver-me vivo do que meu ser persigo e mudo sonho a fala de perder-me nela a porta que me importa fechada na janela se abre em outra porta: meu coração é dela tudo que me toca enfim me ama o nome e tudo que me cama enfim me adorme e assome

ANTONIO BARRETO  
mineiro de Passos, é poeta e prosador.

---